

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUANA CRISTINA SEIXAS

METAL EXTREMO: ESTÉTICA “PESADA” NO BLACK METAL

Juiz de Fora

2018

LUANA CRISTINA SEIXAS

METAL EXTREMO: ESTÉTICA “PESADA” NO BLACK METAL

ORIENTADORA: Elizabeth de Paula Pissolato

Juiz de Fora

2018

LUANA CRISTINA SEIXAS

METAL EXTREMO: ESTÉTICA “PESADA” NO BLACK METAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth de Paula Pissolato

Juiz de Fora

2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SEIXAS, Luana Cristina.

Metal extremo: : estética "pesada" no Black Metal /
Luana Cristina SEIXAS. -- 2018.

75 p. : il.

Orientadora: Elizabeth de Paula Pissolato

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós
Graduação em Ciências Sociais, 2018.

1. Est1. Estética. 2. Black Metal. 3. Juiz de Fora. I. Pissolato,
Elizabeth de Paula, orient. II. Título.

LUANA CRISTINA SEIXAS

METAL EXTREMO: ESTÉTICA "PESADA" NO BLACK METAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais por **Luana Cristina Seixas**

Dissertação defendida e aprovada em 27 de agosto de dois mil e dezoito, pela banca constituída por:

Elizolato

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth de Paula Pissolato
Universidade Federal de Juiz de Fora

Raphael Bispo dos Santos

Membro Titular: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos
Universidade Federal de Juiz de Fora

Andrea Lomeu Portela

Membro Titular: Profá. Dra. Andrea Lomeu Portela
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Este trabalho apenas se tornou possível devido à contribuição e compreensão de várias pessoas. Agradeço aos meus pais, que no início da faculdade, quando nem compreendiam a minha área de atuação e me deram todo o apoio e que hoje explicam com orgulho o que sua filha estuda, até mesmo para os desconhecidos. Por me apresentar ao Rock quando ainda criança, e quando a situação se inverteu e eu apresentei o Metal, eles estavam abertos a conhecer. Principalmente minha mãe, que mesmo com seus 57 anos, uma fã de Sepultura a ponto de ir a dois shows e estar ansiosa para os próximos. Que quando criança tinha “medo” da banda Kiss devido às pinturas dos rostos dos integrantes da banda. Aos meus amigos que frequentam a cena Metal de Juiz de Fora que compartilham o gosto pelo Metal e suas experiências. Principalmente os amigos/colegas de faculdade Adrielle e Rafael que muitas vezes me acompanharam em shows. Obrigada pela companhia, pela troca e pelas conversas. Agradeço principalmente ao meu amigo Charles que mesmo quando eu produzia este trabalho durante a madrugada, me enviava mensagens que me encorajavam a continuar escrevendo. Um amigo que a Antropologia me deu, uma amizade valiosa que guardarei pra sempre.

Minha orientadora, Elizabeth, que me acompanha por toda a minha carreira acadêmica com todo o seu jeitinho motivador em nossos encontros e trocas de e-mail, sempre com muito carinho, comprometimento e dedicação. Obrigada pelos conselhos, correções, por compartilhar comigo seu conhecimento e estimular meu interesse pela antropologia desde o primeiro período da faculdade. E finalmente a banca da qualificação que me auxiliou quanto ao caminho a ser percorrido através de ideias e aconselhamentos para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

O som não é matéria fácil de narrar sendo objeto fluído e difícil de ser captado. Nesta pesquisa descrevo e analiso elementos que compõem o estilo conhecido como Black Metal, desde o som até cartazes dos shows, capas de álbum, conteúdo das letras, simbolismo e aspectos estéticos compartilhados que fazem deste subgênero uma expressão relevante do Metal. Inicialmente, tomo como ponto de partida minha trajetória no Metal para descrever como o gosto pelo Metal vai se moldando através de experiências de shows e do contato com subgêneros que desenvolvem habilidades de escuta e constroem gostos particulares no interior do gênero Metal. Em um segundo momento, apresento a história do Black Metal com seus acontecimentos polêmicos e suas características estéticas. Por fim, através da etnografia de um show da banda juizforana Superius busco analisar essas características globais do Black Metal em um âmbito local, com observações sobre as relações entre público e músicos e a cena Black Metal de Juiz de Fora.

Palavras-chave: Black Metal; Estética; Juiz de Fora; Banda Superius.

ABSTRACT

Sound is not easy theme to narrate being object fluid and difficult to be captured. In this research I describe and analyze elements that make up the style known as Black Metal, from sound to posters of shows, album covers, lyrics content, symbolism and shared aesthetic aspects that make this subgenre a relevant expression of the Metal. Initially, I take as my starting point my trajectory in Metal to describe how the like for Metal is building through experiences of shows and contact with subgenres that develop listening skills and build particular like within the genre Metal. In a second moment, I present the history of Black Metal with its controversial events and its aesthetic characteristics. Finally, through the ethnography of a show by the band juizforana Superius, I search to analyze these global Black Metal characteristics in a local context, with observations on the relations between public and musicians and the Black Metal scene of Juiz de Fora.

Keywords: Black Metal; Aesthetics; Juiz de Fora; Superius band.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Show do Belphegor.....	23
Show do Belphegor.....	24
Cartaz do show do Belphegor.....	25
Set List do show do Belphegor.....	26
Foto de paletas JF Rock City.....	27
Personagens do filme “Rejeitados pelo Diabo”.....	29
Capa do álbum Past, Present & Future.....	30
Logo da banda Slayer.....	40
Figura do Baphomet de Éliphas Lévi.....	41
Capa do álbum Bleeding in the Shades of Baphomet.....	42
Capa do álbum Dawn of the Black Hearts.....	47
Logo da banda Korgonthurus.....	53
Logo da banda Apocalyst.....	53
Logo da banda Superius.....	53
Cartaz do Nocturnal Age Metal Fest 5.....	54
Show da Superius.....	57
Show da Superius.....	61
Capa do perfil da Superius no Facebook.....	63
Postagem da Superius em seu perfil do Facebook.....	65
Capa do álbum Shadow's Way.....	67
Capa do álbum Shadow's Way II.....	67
Capa do álbum Where Shadows Forever Reign.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A CONSTRUÇÃO DO GOSTO PELO METAL	16
2. PESO-CUM-BLASFÊMIA.....	35
2.1. Blasfêmia, som pesado e virtuosismo.....	35
2.2. “Black Metal”, O “Metal Satânico”	46
2.3. Black Metal em Juiz de Fora.....	50
3. SUPERIUS.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	74
FILMOGRAFIA.....	76

INTRODUÇÃO

O Metal estabelece uma figura estética e comportamental através das relações travadas entre os headbangers, os quais a partir de sua trajetória no Metal, aprendem a desenvolver uma crítica musical quanto ao som executado. O Metal se faz através de um conjunto de bandas, instrumentos, público e outros elementos interligados para ouvir e vivenciá-lo. O caminho trilhado pelo Metal segue por bandas que possuem marcas quanto o uso diferenciado dos tipos de vocal, a maneira de tocar os instrumentos, maneira de se vestir, de se comportar, caracterizando assim particularidades de cada subgênero. Músicas com velocidade na forma de tocar os instrumentos caracterizados como agressiva e “pesada” e uma valorização do instrumental por meio de solos.

Como a aproximação com aspectos estéticos do Metal implica na observação deste conjunto vasto e complexo de trocas, a escolha do subgênero Black Metal para realização do estudo se deve pelo fato de aparentar mais representativo se comparado aos outros subgêneros que compõem o Metal Extremo. Para a qualificação foram realizadas quatro entrevistas, um vocalista professor de Hidrokaratê com formação em Geografia de 55 anos; um guitarrista doutor em Ciências Sociais de 37 anos; um baterista e tatuador com formação em Design Gráfico de 27 anos; e uma maestrina que participa em dois corais que atua também como professora de técnicas vocais com formação em canto popular, bacharela em música (Canto) e Direito. Todos os entrevistados atuantes na cena Metal de Juiz de Fora e com início de sua trajetória através de amigos e familiares, narrando quando começou a ouvir Metal e a maneira de ouvi-lo, histórias de shows, ida a shows de bandas internacionais em outros estados e o caminho trilhado entre os subgêneros através da sensibilidade no ouvir e identificar estes subgêneros. No entanto, não foi possível aprofundar a questão da sensibilidade musical devido ao limite da pesquisa e também pelos meus limites em discutir aspectos musicais que demandariam outras habilidades, pois não tenho experiências em tocar instrumentos musicais ou mesmo canto.

A escolha por estudar o Black Metal advém não somente de sua representatividade, mas por apresentar um som “mais pesado” quando comparado com os demais subgêneros do Metal. O gosto adquirido pelo Black Metal é algo cultivado, pois não se trata de uma questão

de identificação com o som a princípio, uma vez que no início a música parece composta de ruídos e instrumentos tocados de maneira rápida e sem sentido. Refere-se a uma transformação na escuta, no gosto. Portanto a escolha da ênfase no Black Metal também está relacionada à minha própria história como fã. Minha história com o Metal se inicia como fã e por este motivo conheci diversos subgêneros antes do Black Metal e assim surgiu o interesse em acompanhar a experiência dos outros headbangers, investimento que tornou possível reconhecer uma multiplicidade de trajetórias com influências diversas.

Ao compor o “grupo” estudado foi preciso criar um “distanciamento” necessário para o exercício de estranhamento tão fundamental à antropologia. O estranhamento visto como metodologia destacado por Gilberto Velho (1978) ao afirmar que o familiar não é obrigatoriamente conhecido já que todos nós dispomos de visões fragmentadas sobre algo, pois estamos conectados à funcionalização e objetivação a que somos levados a compreender. Para além da familiarização existem brechas que possibilitam o estranhamento como uma fuga do etnocentrismo e da alienação que permeiam o ofício do pesquisador. Para Gilberto Velho (1978), o estranhamento só é possível quando o indivíduo tem a capacidade de se opor de maneira intelectual e emocional as diversas interpretações de algo. A busca pelo estranhamento como metodologia ocorre através da transformação do familiar em estranho por meio de apreensões cognitivas como afirma Roberto Da Matta (1978). É preciso criar uma distância “artificial” para estudar a sociedade, distância esta que diferencia o que é familiar e o que é exótico. Para Gilberto Velho (1978) trata-se de um conflito, uma constante tensão entre possuir uma afinidade ou manter uma distância, no entanto no processo de comunicação, que ao se relacionar, adquire uma aproximação e que na ação de estranhamento, o antropólogo analisa elementos que são naturalizados pelos nativos.

Marcio Goldman (2003) diz que a disposição para viver uma experiência particular (a do pesquisador) unido a um grupo humano com o objetivo de modificar essa experiência particular em uma pesquisa etnográfica seria o estudo das experiências humanas através de uma experiência particular. A alteridade sendo a questão central que orienta e limita a prática. Devemos desvendar o que os indivíduos pesquisados falam e/ou fazem parece lógico, no entanto, consiste em sempre se interrogar sobre o limite de seguir o que elas falam e/ou fazem, ou seja, o limite em tolerar a palavra nativa, os saberes e práticas desses indivíduos pesquisados e por efeito, até onde as experiências pessoais transformam os pesquisadores, ou

seja, se afetam pelo o que afeta os nativos. Devido a ambos estarem afetados, pesquisadores e nativos, cria-se uma aproximação e dessa maneira, por meio da experiência de ser afetado colabora para o trabalho de campo. Ser afetado é por meio da experiência, atenuar a distância entre o pesquisador e o nativo.

Além de ser headbanger e pesquisadora de Metal, faz-se necessário destacar minha participação enquanto headbanger mulher em um ambiente caracterizado como masculino, onde os frequentadores dos shows são em sua maioria homens, no entanto, este recorte não será tratado nesta pesquisa. Por ser uma mulher headbanger e frequentar esses espaços sempre tenho que reafirmar meu conhecimento sobre Metal e muitas vezes surgem homens me “testando” ao me perguntar se conheço tal álbum, seguida de outras perguntas como os nomes dos integrantes de tal banda, história da banda, qual melhor música de determinado álbum e a mesma situação não acontece quando a conversa é travada entre headbangers homens.

Janice Caiafa (1985) por meio de sua pesquisa etnográfica, denominada “Movimento punk na cidade - a invasão dos bandos sub”, efetuada entre os anos de 1983-1985, aborda a mulher punk ao tratar sobre a dificuldade em conseguir travar uma relação amorosa com um homem punk, problemática esta não encontrada na cena Metal de Juiz de Fora. A relação amorosa entre headbangers ocorre sem mais problemas, no entanto a mulher precisa negociar seu espaço nesse cenário masculinizado do Metal.

Para Jacques (2007:98), “pegada forte” e resistência física são características mais próximas de uma ideia do masculino, em contraponto, a emotividade e delicadeza estão relacionadas ao feminino, estas por sua vez não são adequadamente apropriadas ao Metal. As bandas classificadas como “pesadas” aparentam possuir fãs apenas do sexo masculino, pois encontrar camisas dessas bandas de modelagem feminina é impossível. O som pesado e agressivo aparenta ligação apenas ao universo masculino. Um cenário masculinizado em que a mulher precisa barganhar para conquistar seu lugar no “grupo”.

Uma estética pesada caracterizada como gosto masculino, em contraste com “gosto feminino”, ou seja, o Metal como contexto de construção de um determinado estilo de masculinidade, o que pode explicar a relação entre homens como maioria e mulheres como minoria no cenário Metal. Apesar da negociação da mulher apresentar-se como uma temática interessante, esta não foi abordada nesta pesquisa. A mulher ainda não possui uma relação

igualitária no meio e essa seria uma questão importante de se tratar, mas não foi possível me dedicar na pesquisa de mestrado, no entanto reconheci que a dimensão estética no Metal articula o som a muitos outros elementos, e principalmente ao conhecimento dos subgêneros que permeiam o Metal, o qual está completamente implicado nesta construção de gosto.

É preciso também pensar na relação do peso do som ao masculino através de elementos agressivos na música como no som em si e também o caráter agressivo em ser headbanger. Existe uma diferenciação no Metal quanto ao som? Esse som é de “menina” por ser mais “leve”? As imagens sombrias e as letras pesadas presentes na estética do Black Metal analisadas nesta pesquisa demonstram uma agressividade muitas vezes vista como associada ao masculino.

Optei na dissertação por um recorte versátil que busca relacionar aspectos do som e do visual, do peso na execução musical com as imagens de morte e caos como centrais nas trocas constantes de referências entre headbangers no dia a dia e na experiência dos shows.

No primeiro capítulo, narro a minha trajetória no Metal, descrevendo o meu primeiro contato com o som, a influência dos meus pais, meu gosto musical compartilhado com colegas do colégio e depois com amigos da faculdade, minhas experiências em shows com o olhar de fã e pesquisadora e as mudanças no meu gosto musical perpassando por diferentes subgêneros do Metal até chegar no Metal Extremo. Outros elementos são explorados neste capítulo como as capas de álbuns, o uso de Corpse Paint e cartazes de shows e o envolvimento dos filmes do gênero Trash com elementos do Metal.

No segundo capítulo priorizo uma discussão sobre o peso e a “blasfêmia” identificados no Black Metal. Quanto à identificação dos subgêneros foi utilizada a tabela de Azevedo (2005) contendo informações de especificidades técnicas e instrumentos utilizados para que depois seja abordado o Metal Extremo e o Black Metal em específico, os elementos presentes nesse subgênero como particularidades do som, o Pentagrama e a figura do Baphomet, símbolos citados por Campoy (2008) no cenário Black Metal. Neste capítulo ainda, será abordada a história do Black Metal e sua origem, apresentando as suas três gerações e as polêmicas envolvidas com a queima de igrejas em oposição ao Cristianismo, suicídios e assassinatos no contexto Black Metal. Outro tema discutido se refere à hierarquia no Metal pensada em duas perspectivas, ambas relacionadas às técnicas empregadas na música, uma

voltada para uma harmonia bem próxima das óperas e a outra voltada para a rapidez e peso na execução dos instrumentos. O Metal Extremo voltado para o underground através do trâmite de gravações demos e a divulgação entre as próprias bandas, ao se unir ao participar de eventos sem que a banda não receba cachê, elementos estes que definem o underground, o qual se opõe ao mainstream (Campoy, 2008). E por fim o virtuosismo no Black Metal presente na escuta e no conhecimento deste subgênero, assim como na virtuosística da execução descrita por Azevedo (2007).

No terceiro capítulo apresento a etnografia de um show da banda juizforana Superius (2005), abordando os elementos do Metal Extremo adotados pela banda através do som, letra, capa de álbum e logo. Cardoso Filho (2005) destaca a importância do padrão das capas para que o fã reconheça o subgênero, assim como as capas dos álbuns da banda juizforana Superius que seguem o padrão de capa Black Metal com figuras de montanhas, florestas e um clima frio. Assim como nos estudos de Campoy (2008) ao explicar o aspecto mais “local” na relação entre público e fã, a relação entre público e banda e a maneira particular do comportamento dos fãs para pensar essa relação entre o público e a banda Superius em uma de suas apresentações.

A abordagem no decorrer do estudo dirige-se a cena Black Metal a fim de contribuir para uma análise do subgênero em suas diversas especificidades demonstrando semelhanças entre a cena juizforana e a norueguesa. Revelando uma maneira única de fazer música pesada e apreciar essa música. Uma articulação entre público e banda, envolvendo estes aos mais diversos elementos que compõem o subgênero.

1. A CONSTRUÇÃO DO GOSTO PELO METAL

Na minha infância na década de 1990, ouvia *rock and roll* por influência dos meus pais e desta maneira descobri bandas como Beatles, The Who, Elvis, Pink Floyd, Led

Zeppelin, Bruce Springsteen dentre outros. Existe uma teoria em que os Beatles foram os precursores do Heavy Metal com a música “Helter Skelter”, de The White Album (1968) e que assim influenciaram várias bandas clássicas deste cenário. Conheci essas bandas através do rádio. O Jornal do Brasil era o antigo proprietário da Rádio Cidade FM. Meu pai trabalhava no Jornal nesta época e escutava regularmente a rádio tanto no trabalho quanto em casa. Havia uma chamada na rádio que dizia “Cidade: a Rádio Rock” e também foi através desta rádio que tive contato com outras bandas. Podemos dizer que minha relação com o rock surge ainda no berço e depois amadureci meu gosto e descobri o Metal e os subgêneros que ele abarca.

Meu primeiro contato com o Metal foi na sexta série através de uma amiga que gostava de Iron Maiden¹. Ela tinha vários CDs da banda e conseguia alguns emprestados com a prima mais velha. Escutei vários desses CDs e acabei por comprar alguns também. Conversávamos sobre os álbuns, nossas músicas preferidas de cada álbum, sobre as fotos do encarte de cada CD e também qual integrante da banda era o nosso preferido. O recente gosto pelo Metal me aproximou ainda mais dessa amiga e começamos a ir para a escola juntas, no mesmo ônibus dividindo o fone, ouvindo Iron Maiden. A mochila repleta de CDs e pilhas para o Discman. Nunca tive um Discman e por isso ouvia em um aparelho leitor de CD sem fone, mas com volume moderado. Minha irmã apesar de ser fã do estilo pop aprendeu várias músicas da banda e lembra ainda hoje de algumas. Depois de conhecer a banda Iron Maiden procurei por novas bandas principalmente as bandas clássicas de Heavy Metal e conheci algumas através da MTV e da Rádio Cidade. Depois da aula, passeávamos pelo Carrefour próximo a minha escola e ficávamos horas na sessão de CDs. Era possível ouvir algumas faixas através de um suporte com fone, porém eram disponibilizados poucos CDs do gênero.

Existe um consenso quanto a ouvir Metal no Fone e não em volume alto, uma vez que o fone melhora o grave contido nas músicas, assim como o volume alto distorce o som das guitarras e dificulta a escuta e apreciação dos solos. Então raramente veremos um carro na rua tocando Metal em volume alto, com as janelas abertas a ponto de conseguir ouvir de fora do automóvel.

1 Banda britânica de Heavy Metal, formada em 1975. Pertence ao subgênero New Wave of British Heavy Metal. Atualmente a banda possui 28 álbuns. O nome da banda significa “Donzela de Ferro”, a qual é o nome de um instrumento de tortura medieval.

Depois de conhecer a fundo, ouvindo todos os CDs do Iron Maiden, conheci a banda Nirvana², mas Iron Maiden continuou sendo minha banda favorita. Neste período ouvia poucas bandas brasileiras, como Raul Seixas, Rita Lee, Mutantes, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso e Titãs e depois do gosto adquirido pelo Metal, passei a ouvi-las com menos frequência a cada dia. O gosto pelo Metal se intensificou nos meus quatorze anos, quando fui ao meu primeiro show. Neste ano eu faria 15 anos e implorei aos meus pais que me deixassem ir ao Rock in Rio como presente de aniversário, apesar de fazer aniversário apenas no mês de setembro e o festival neste mesmo ano ser realizado no mês de janeiro³. Não queria festa de 15 anos, não queria viajar, queria ir ao Rock in Rio com meus amigos e assistir ao show do Iron Maiden. E até hoje foi provavelmente o melhor show que eu já fui. No Rock in Rio III em 19 de janeiro de 2001 se apresentaram as bandas Iron Maiden, Rob Halford, Sepultura, Queens of the Stone Age, Pavilhão 9 e Sheik Tosado. Na época não conhecia as duas últimas bandas brasileiras citadas, mas as demais eu conhecia a maioria dos álbuns. A banda Queens of the Stone Age era uma banda alternativa estadunidense de Stoner Rock formada em 1996. Uma banda com poucos álbuns nesta época se comparada às outras bandas que se apresentaram no mesmo evento. Rob Halford é o vocalista da banda Judas Priest (1969), uma das precursoras do Heavy Metal e o Sepultura (1984), banda criada pelos irmãos Max Cavalera e Igor Cavalera em Belo Horizonte, Minas Gerais, misturando Death/Thrash Metal com elementos de música indígena, africana, japonesa e outros estilos.

Hoje com o fácil acesso à internet é possível conhecer pessoas que compartilham do mesmo gosto musical, porém em 2001 esse acesso era mais restrito e eu não tinha uma estimativa do alcance do Metal. Eu era ingênua e não sabia que muitas pessoas estavam ouvindo o que eu estava ouvindo. No Rock in Rio fiz parte de um mar de gente vestindo camisetas pretas de bandas, cantando todas as músicas em uma só voz. A experiência em ir ao show de sua banda favorita ou até mesmo de uma com quem se identifica é algo emocionante. Uma vez meu pai me chamou a atenção por gastar um valor considerável em um ingresso e no transporte para um show de banda internacional em outro estado, o qual seria transmitido por um canal aberto. Seu argumento era que eu poderia assistir ao show no conforto de casa e não gastaria o meu dinheiro. Meu pai, assim como outras pessoas não

2 Nirvana foi uma banda norte-americana formada pelo vocalista e guitarrista Kurt Cobain no ano de 1987, que obteve grande sucesso em meio ao movimento grunge de Seattle no início dos anos 90.

3 A partir da edição de 2001, o Rock in Rio seria realizado no mês de setembro, permanecendo até os dias atuais neste mês.

entendem que existe uma diferença em assistir a banda ao vivo e na TV. O sentimento de pertencimento por meio do gosto musical compartilhado se torna mais intenso nesses momentos.

Assistir ao vivo um show de sua banda favorita é uma experiência privilegiada, você está cercado de apreciadores da mesma banda. O palco com as luzes baixas e só o que se pode observar são os instrumentos musicais. As luzes ficam um pouco mais intensas e é possível ver o telão de LED e os painéis que estão posicionados atrás do palco. A expectativa da entrada da banda no palco e quando os integrantes aparecem pela primeira vez no palco, labaredas e fogos são disparados. Os fãs gritam, cantam juntos e balançam a cabeça com as mãos em formato de chifres⁴ no ritmo da música.

Os shows da banda Iron Maiden são conhecidos pelos cenários impecáveis, os bonecos do mascote da banda, conhecido como Eddie Hunter ou também chamado de Edward the Head, o qual é o mascote morto-vivo da banda Iron Maiden e sempre fez parte das capas dos álbuns e dos shows. Ele já foi despedaçado pelos integrantes em um show na Alemanha em 1983. Antes de Eddie transformar-se em um boneco, estava presente apenas sua cabeça iluminada que jorrava sangue falso pelos seus orifícios nas apresentações da banda. O nome "Eddie" foi escolhido pelo público, por meio de uma piada meio sem graça muito utilizada na época. Era sobre um menino chamado Eddie que possuía apenas a cabeça, sem o restante do corpo e a crueldade da piada consiste no menino reclamar que seus pais sempre lhe presenteavam com um boné em seu aniversário.

Com o tempo Eddie foi criando pernas e braços e saiu do canto escuro dos palcos e já chegou a ter seis metros de altura e que por baixo de suas pernas passavam os integrantes da banda. Não só as imagens do telão de LED mudam a cada música, mas também a cortina que fica ao fundo contendo imagens pintadas, seja do mascote em alguma capa de álbum da banda ou mesmo imagens do mascote relacionada a determinada música. A cada troca de música, o palco sofre transformação, tanto nas trocas destas cortinas como animações de objetos que hora se mechem, ora ateam fogo. Quando a banda toca seu sucesso "The number of the beast", seu mascote Eddie surge no palco através de um boneco-monstro e

4 A mão com chifres origina-se em um gesto religioso usado na Sicília, o malocchio, para espantar mau olhado, que Ronnie James Dio, segundo vocalista da banda Black Sabbath, teria aprendido com sua avó, trazendo-o para o universo do Heavy Metal, onde assume novo significado (Leite Lopes 2013:04-05). Na "mão metal" ou "mão com chifres" se ergue o dedo indicador e o dedo mindinho, encolhendo-se os demais dedos da mão, para simbolizar chifres.

não mais apenas nas cortinas. A banda lançou um jogo de videogame em 1999 que conta com a presença do personagem Ed Hunter e com clássicos do Iron Maiden na trilha sonora. O baixista Steve Harris foi jogador de futebol antes de ser músico, a banda apareceu em fotos usando uniformes de uma equipe virtual de futebol e as camisas começaram a ser vendidas como itens colecionáveis na loja virtual da banda em várias versões, depois foram confeccionadas camisas de futebol de alguns álbuns da banda e em seguida foram confeccionadas camisas da banda direcionadas a vários países, inclusive Brasil e Argentina, países reconhecidos mundialmente pelo amor ao futebol. A partir de 1989, a “Força Jovem” do Vasco adotou o mascote Eddie em seus uniformes e bandeiras. Em 2013, o vocalista da banda desenvolveu uma cerveja artesanal com o nome de The Trooper, em referência uma música de grande sucesso da banda.

Para todo o suporte dos shows, a banda viaja com seu próprio avião pilotado pelo vocalista Bruce Dickinson, o Ed Force One, um boeing 747-400. Bruce Dickinson muda de figurino e corre por todo o palco a todo o momento do show, sobe em cima do retorno localizado a frente do palco e também no suporte das câmeras. Depois de comprar CDs, camisas, revistas e pôsteres, conhecer cada música e saber de várias curiosidades e informações sobre a banda, assistir ao show seria um momento único.

Fui ao Rock in Rio de ônibus circular com alguns amigos, chegando ao local me perdi da maioria e sobraram comigo apenas dois amigos. Assisti à apresentação de várias bandas, pois existem dois palcos principais e as bandas vão intercalando suas apresentações em cada palco. Minha primeira experiência com o mosh foi no show do Sepultura e foram tocados os maiores sucessos da banda, “Roots Bloody Roots”, “Troops of Doom”, “Refuse/Resist”, “Territory” entre outros. O mosh, também chamado de moshpit, é uma prática desencadeada através da velocidade do ritmo, ou seja, da rapidez em que os instrumentos são executados. O movimento consiste em socos e chutes no ar no ritmo da música sem a finalidade de atingir alguém. O Rio de Janeiro possui altas temperaturas e no mês de janeiro, essa temperatura aumenta. A cidade do Rock, local onde é realizado o Rock in Rio, em 2001 não era asfaltada, apenas uma grama seca e pisoteada devido aos dias anteriores do evento.

Em vista do calor absurdo, foram montados estandes da bala Halls que jogavam água nos fãs em frente aos palcos em uma tentativa de refrescar os frequentadores do evento. No momento do show, na frente do palco estava alagado e as pessoas estavam atoladas até os joelhos. Eu sendo baixinha, fiquei um pouco depois do meio, ainda dava para ver o palco e

os integrantes da banda. A primeira música a ser tocada foi “Roots Bloody Roots” e neste momento deu-se início ao mosh em diferentes espaços, havia um ao meu lado, então fiquei apenas no contorno do círculo, dando ombradas em poucas pessoas. Sabia o que era o mosh, mas nunca tinha presenciado ou participado de algum.

Mesmo quando as pessoas não participavam do mosh, com o empurra-empurra, se viam obrigadas a se movimentar, ou seja, participavam da prática do mosh por não ter escolha, já que não havia uma maneira de sair do local. Devido à grama seca e todos estarem pulando, quando o mosh começou a poeira da grama seca subiu e eu não conseguia respirar, ficava na ponta do pé e com o queixo levantado ao máximo em uma tentativa desesperada de respirar. Um rapaz desconhecido e mais velho do que eu, vestindo um colete de couro viu minha dificuldade em respirar e me levantou sem que eu pedisse. Mesmo no caos dos shows, especificamente no mosh, a solidariedade se faz presente.

No mesmo ano do Rock in Rio, mudei para Descoberto/MG, uma cidade de cinco mil habitantes, localizada na Zona da Mata. Minha família mudou de cidade sem conhecer ninguém, mais como uma fuga da violência do Rio de Janeiro. Toda cidadezinha tem aquela praça em que os amigos se encontram e foi só aparecer com a minha camisa do Iron Maiden que não estava mais sozinha nessa cidade desconhecida. Foi nessa época que senti a diferença de acesso ao conhecimento de novas bandas. Como descrito anteriormente, poucas pessoas tinham acesso à internet e quando cheguei à cidade de Descoberto percebi que esses headbangers⁵ só conheciam as bandas clássicas e que as novas bandas internacionais que estavam começando a fazer sucesso eram desconhecidas. Eu comentava sobre essas bandas com esses amigos e ninguém falava a respeito e só depois de cinco anos, um desses amigos me emprestou uma fita k7 com a gravação de uma das bandas. A mesma banda que eu comentei ouvir cinco anos atrás e nenhum dos meus amigos conheciam.

Em 2007 mudei para Juiz de Fora e comecei a trabalhar e posteriormente ingressei na Universidade Federal de Juiz de Fora. Meu primeiro contato com os headbangers juizforanos foi em uma van indo para o show das bandas Korn, Black Label Society e Ozzy Osbourne⁶ em 2008 no Rio Arena, localizada na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. Comprei

5 No Brasil, metaleiro é o termo utilizado para designar um fã de Heavy Metal, também chamado de headbanger e metalhead, pois remete ao ato de “bater cabeça”.

6 Famoso por ser vocalista da banda Black Sabbath (1968), vista como uma das bandas pioneiras do Heavy Metal. Ozzy também é reconhecido por sua carreira solo e muitas de suas músicas ficaram conhecidas entre o público headbanger.

meu ingresso e a vaga da van em uma loja de artigos de rock chamada Tuka's Rock Store. Tuka, o dono da loja é vocalista da banda Tuka's Band, a qual faz shows em Juiz de Fora e no Brasil inteiro, especialmente em encontros de Moto Clubes. O show foi em uma quinta feira e meu antigo chefe me liberou a metade do dia de trabalho, após eu dizer que assistiria ao show do Ozzy Osbourne. Ele me contou que sempre foi muito fã do Ozzy e no dia do seu casamento, a sua esposa entrou na igreja ao som de uma música do Ozzy tocada em um órgão.

O trajeto entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro de ônibus levaria três horas, porém no caminho do show o ônibus quebrou algumas vezes e levei nove horas para chegar ao local do evento. No show conheci meus primeiros amigos do cenário Metal de Juiz de Fora e muitos deles eram integrantes de bandas que se apresentariam em um festival que acontece anualmente na cidade, o Festival de Bandas Novas.

Comecei frequentando as apresentações que aconteciam neste festival e posteriormente fui convidada para outros shows na cidade. E foi assim que comecei a conhecer todas as casas de shows de Juiz de Fora como o Cultural Bar, Galpão Lounge Bar, Bar Cai&Pira e o Bar da Fábrica, as quais sempre sedem espaço para o público Metal. A cada dia ficava mais próxima, frequentava os shows, fazia amizade com os integrantes das bandas e com o público sempre conversando sobre Metal. As conversas eram sobre quais bandas eram nossas favoritas, quais álbuns eram os melhores, sobre os shows que aconteciam em Juiz de Fora e em outros Estados. E a partir daí nos organizávamos para ir a shows em outros Estados, completando todos os lugares de uma van e dividindo o valor entre os passageiros.

Em março de 2017 fui a um show da banda Belphegor na cidade de Campo do Meio/MG com um casal de amigos, integrantes e amigos da banda Hagbard, a qual tocava em um festival nesta cidade. Campo do Meio fica a 357 km de Juiz de Fora, quase seis horas de viagem, mas contando com as paradas na estrada e quando ficamos perdidos, levamos sete horas para chegar ao local do evento. Várias bandas se apresentariam naquela noite, porém a atração principal era a banda de Death Metal/Black Metal austríaca Belphegor (1991).

Belphegor é muito conhecida no cenário Black Metal, fazem uso de Corpse Paint e capas de álbuns que invocam elementos obscuros. A banda estava presente nos primórdios do Black Metal e continua fazendo turnês. Belphegor não é originalmente um demônio, mas uma divindade moabita venerada no monte Fegor, no entanto, foi considerado demônio a

partir da perseguição dos hebreus. Antes da apresentação da banda, os integrantes transitavam entre o público, ainda sem o Corpse Paint. Muitos fãs encontraram a oportunidade de registrar o momento com fotos e em um desses registros, próximo à saída, o vocalista Helmuth Lehner fez “gracinha” para um bebê ali presente, mesmo com sua aquela postura de “truezão”. O termo “true” nas palavras de Taís Vidal dos Santos (2013) “true e poser são categorias de afirmação e negação, respectivamente, assumidas na composição da identidade dos atores conforme se dão a adesão e o engajamento dos mesmos na cena underground” (SANTOS: 2013:18). O virtuosismo aqui também está na escolha da banda em qual festival deve participar, ou seja, uma banda de Metal Extremo não deve tocar com bandas de Hard Rock dentre outros subgêneros no mesmo festival. Esse é outro ponto que define a banda poser e a banda true, mesmo que tenha som pesado.

Carbonieri Campoy (2008) ao abordar o underground do Metal Extremo no Brasil em relação à audição, composição e audição através da organização de meios de comunicação específicos. O autor descreve o significado de underground no Metal Extremo e como surge o virtuosismo na escuta e no apoio das bandas underground:

(...) o metal extremo underground é uma “filosofia de vida extrema”, antes de significar certa funcionalidade da música para se buscar outros fins, os praticantes estão afirmando que a música que eles fazem não pode ser compreendida como uma mera fruição estética, como uma arte contemplativa que serve unicamente à abstração, à reflexão ou ao deleite dos ouvidos. Não. Essa é a maneira que o mainstream ouve música. Eles entendem que ouvem metal extremo com seus corpos, eles fazem dessa música uma relação social. Comendo e ouvindo metal extremo no underground, eles engendram maneiras de sentir, de ser, de se mover e de pensar, eles se animam e saem da apatia, esse “problema” que os praticantes detectam na pessoa do mainstream. Pois a pessoa “preguiçosa e fraca” que relega a ação social às máquinas e a fonte da sua vontade ao divino, também é a pessoa que “ouve a música com o cérebro”. Eles não, eles são artesãos que fazem dos seus instrumentos, apêndices dos seus corpos, dos seus corpos, a fonte de suas vontades e das suas vísceras, fazem ouvidos. (CAMPOY:2008: 221)



Nas apresentações da banda Belphegor são utilizados símbolos do satanismo como forma de contrapor à cultura religiosa. Sendo assim, seus shows possuem várias cruzes invertidas, um dos integrantes passa pelo palco vestindo um manto com capuz e em uma das mãos segura um defumador parecido com aqueles usados pela igreja católica. Rasgam-se Bíblias e gritam blasfêmias e o público grita Lúcifer em coro com o punho para o alto na música “Lucifer Incestus”. No palco haviam várias ossadas de animais e de humanos, e os

rostos dos integrantes com Corpse Paint⁷ davam um ar mais sombrio ao show. Além do som pesado, as letras são perturbadoras.



⁷ Corpse Paint (em Português: pintura de cadáver) é um tipo de pintura facial e geralmente são utilizadas as cores preto e branco. Essa pintura é muito usada no Black Metal e podem representar pinturas de guerra, ou expressões faciais que reproduzam ódio, tormento, tortura etc.



O evento foi realizado através de dinheiro destinado a verba de incentivo à cultura, por conta do vereador Jean Pica Pau que é fã de Metal. De acordo com o site do IBGE, Campo do Meio possui 11.878 habitantes e com uma cidade deste porte localizada no Sul de Minas era de se esperar um número reduzido de pessoas neste show, o que não se apresentava como problema para os organizadores devido ao uso da verba pública. O local do evento foi a quadra coberta de um clube e havia uma placa vermelha no alto da entrada informando o limite máximo de pessoas naquele espaço, exatamente 500 pessoas.

As experiências obtidas nesse show se expandiram para vários sentidos: uma experiência estética/visual em relação às vestimentas específicas dos integrantes da banda e do público ao utilizar roupas na cor preta e o Corpse Paint; uma experiência olfativa através do defumador; e experiência auditiva em relação ao som. No Brasil, a banda de Black Metal Sarcófago (1985) foi a precursora no uso de Corpse Paint associado ao Metal Extremo.

Gustavo Dhein (2012) ao abordar os objetos colecionados relacionados ao Heavy Metal, que não CDs e DVDs, ou música digitalizada com seus entrevistados encontra uma lista de objetos como: revistas nacionais e importadas sobre Metal, chaveiros, bandeiras, adesivos, baquetas, palhetas, set list de shows, camisetas, ingressos dos shows. Os itens adquiridos em shows, ou seja, baquetas, palhetas e set list utilizados pelos integrantes da banda se tornam souvenirs e possuem muito valor para um fã. No fim do show do Belphegor, os integrantes jogaram palhetas e baquetas e um casal de amigos conseguiu uma. Em meio ao caos de gente, um dos integrantes amassou o set list e jogou para o público. Consegui agarrar o set list no alto e o guardo com os vários ingressos de shows que coleciono. A próxima figura mostram as paletas adquiridas por mim e minha mãe no show do Sepultura em Juiz de Fora no JF Rock City em 9 de junho de 2018.





O Metal faz parte de minha vida até hoje, como gosto musical e também estético. Tenho diversas camisas de bandas e pôsteres. Os CDs e DVDs hoje são poucos, mas a quantidade de shows que já assisti é impossível contabilizar. Sempre viajando entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, para assistir esses shows em sua maior parte de bandas internacionais. Minha presença nos shows deu-se início desde 2001 com a minha primeira experiência no Rock in Rio e desde então me esforço para estar presente nos shows das minhas bandas favoritas. Muitas das bandas clássicas que ainda estão fazendo shows por todo o mundo possuem integrantes com quase 60 anos de idade. Vale o esforço de ir a shows e prestigiar enquanto headbangers, esses artistas. A cada show pensamos que talvez seja o último show da banda. Fui ao Rock in Rio de 2011 para assistir dentre os shows de várias bandas, a apresentação da banda Motörhead (1975), pois sou muito fã do vocalista e baixista Lemmy Kilmister e em um determinado momento do show, ao tirar a sua mão do baixo, ele treme bastante, demonstrando sua debilitação. Não resisti e as lágrimas teimaram

em escorrer pelo meu rosto. Não era mais alegria, era o medo desse ser o último show que assistiria do Lemmy. Depois desse show ele foi cancelando vários outros, parou de fumar, bebia pouco e começou a lutar contra um câncer no cérebro e no pescoço. Lemmy morreu ao completar 70 anos. Motörhead foi a primeira banda a utilizar pedal duplo na bateria, ou seja, um segundo pedal no mesmo bumbo ou com o posicionamento de outro bumbo ao lado do primeiro. O pedal duplo da música “Overkill” deu origem a vários outros subgêneros do Metal.

O meu gosto pelo Metal variou entre os subgêneros, ou seja, gostava das bandas clássicas, depois passei a gostar de bandas de estilos mais pesados como o Thrash Metal e depois para um subgênero considerado mais pesado, o Black Metal/ Death Metal. No início eu tinha uma relação de fascínio/ medo de algumas músicas. É difícil explicar, mas tinha uma satisfação muito peculiar em conseguir ouvir aquelas músicas, me sentia corajosa. Um dos motivos era que conhecia poucas pessoas que ouviam essas músicas pesadas, e não conhecia mulheres que ouviam este tipo de música.

O medo é intrigante e quando atrelado às letras dessas músicas e a apresentação da banda é uma maneira sadia de lidar com esse medo. O medo está presente na estética, letra, performances e também no comportamento de ídolos e fãs. O medo aqui está relacionado ao desconhecido, ao misterioso, ao Ocultismo e Satanismo, os quais serão abordados no capítulo 2. Ir ao show do Belphegor e presenciar a performance dos músicos é sentir que o Black Metal e seus diversos elementos macabros são reais estão presentes ali na frente dos seus olhos. Presenciar o show de uma banda de Black Metal reconhecida mundialmente na cena com toda aquela atitude agressiva da banda e do público.

O Metal e todos os subgêneros que ele abarca sempre estiveram presentes nas conversas com meus amigos. A cada nova banda e música que conhecemos são compartilhadas, a cada surgimento de um novo subgênero com toda uma maneira peculiar de tocar os instrumentos faziam com que essas conversas não faltassem assuntos. Algumas amizades surgiram nos intervalos das aulas da faculdade e depois que descobrimos nossos gostos em comum pelo Metal, nossas amizades se intensificaram e depois de algumas conversas, recebi convites para ir a shows de Metal pela cidade e mais tarde a shows em outros estados. O assunto sobre Metal se extrapolou e começamos a assistir filmes do gênero *Trash* e começamos a frequentar salas de cinema onde eram exibidos filmes de terror. As

trocas de informações e as formas de interações entre os headbangers também é um marcador deste gênero musical.

O cinema *Trash* ou filme *Trash* possuem baixo orçamento que por consequência tem custos e qualidade inferior, ou seja, estes filmes são malfeitos intencionalmente ou não, com atores que interpretam de maneira ruim, assim como vários erros técnicos, péssima dublagem, edição e efeitos especiais. O filme *Trash* em sua maioria está vinculado ao terror que deveria despertar algum medo ou apreensão, acaba por ser engraçado. O mesmo não acontece com as apresentações das bandas, pois todos os elementos macabros do Black Metal são considerados importantes na estética deste subgênero e por este motivo não provocam risos. O headbanger conhece a história do Black Metal e se preocupa em respeitar e honrar essa história.

Alguns filmes possuem cenas perturbadoras e repulsivas, mas com a ajuda dos “defeitos especiais” nos proporcionam muitas risadas. Esses filmes têm uma forte ligação com o Metal, uma vez que alguns elementos que constam nos filmes também constam nas letras e capas de álbum de diversas bandas. Terror, violência, sangue e diversos elementos que lembram o sombrio. Um exemplo dessa combinação entre filme de gênero *Trash* com o Metal é o músico, letrista, roteirista, produtor, diretor de cinema, produtor musical Rob Zombie, que dirigiu o filme “Rejeitados pelo Diabo” (EUA, 2005), “A Casa dos 1000 Corpos” (EUA, 2003) e também dois dos dez filmes da série cinematográfica “Halloween”, fundamentada no assassino em série Michael Myers, criado em 1978, por John Carpenter.



Rob Zombie ficou conhecido pela sua antiga banda, chamada White Zombie (1985-1996) e em 1998 deu início a sua carreira solo ocupando vocal, guitarra, contrabaixo e sintetizador. Ambas as bandas pertencem ao subgênero Groove/Industrial Metal. Após ganhar reconhecimento no Metal, começou a produzir filmes de *Terror/Trash*.



Capa do álbum Past, Present & Future (2003)

Os filmes *Terror/Trash* e o Metal possuem muitos elementos em comum, não apenas no seu conteúdo sejam nas cenas ou nas letras das músicas, ambas agressivas e violentas, mas também em sua estética. Tanto o filme quanto a música exploram visualmente a repulsa. Outro elemento que chama a atenção é a trilha sonora dos filmes de *Terror/Trash*, pois em sua maioria encontramos músicas do gênero Metal, até mesmo algumas músicas de bandas clássicas, e assim dá um peso “sombrio” às cenas.

O terror está presente nas performances e vestes de algumas bandas como, por exemplo, a banda sueca de Doom Metal Ghost (2006) que possui a identidade anônima de seus membros e apresentações de aspecto teatral influenciada por rituais satânicos e filmes de terror clássicos com letras em sua maioria satanistas que revezam entre inglês e latim. O vocalista de Corpse Paint, utiliza roupa de papa carregando um incensório utilizado nas

missas católicas e os demais membros utilizam máscaras metálicas sem abertura na região da boca e mantos como de sacerdotes em uma missa negra.

Aprende-se a ouvir Metal através de modelos e regras dos próprios grupos e conforme os diversos subgêneros. As especificidades de cada subgênero direcionam os fãs em cada momento de seu desenvolvimento com este gênero musical. O gosto musical tem relação com a sensibilização com a música, não se trata de um conhecimento verbalizado, mas adquirido. Esse universo oferece diferentes caminhos a serem seguidos e entendidos de acordo com a experiência particular de cada indivíduo. Assim como minha trajetória no Rock teve início através dos meus pais e posteriormente no Metal por meio de uma amiga. A iniciação no Metal ocorre, sobretudo na adolescência, na escola e ou através de familiares mais velhos.

Todo headbanger tem sua iniciação no Metal de um modo particular e a forma como esse gosto musical se desenvolve varia de acordo com cada um, ou seja, o gosto pelos diversos subgêneros durante a trajetória se desenvolve de maneira diferenciada entre os headbangers, isso inclui gostar de uns e não gostar de outros durante a sua trajetória no Metal.

Hoje continuo frequentando a shows de Metal e no mês de maio de 2017 fui ao show da banda sueca Amon Amarth⁸ no Circo Voador localizado no bairro da Lapa no Rio de Janeiro. O show de abertura seria da banda norueguesa de Black Metal, Abbath. Havia comprado o ingresso dois meses antes e após a compra um amigo indicou uma van. Entrei em contato com a organizadora da van pelo Facebook⁹ para garantir minha vaga. Realizei o depósito no valor combinado, o qual pode ser considerado baixo, uma vez que custa mais barato do que a ir e voltar do evento de ônibus, além da comodidade da van nos deixar na porta do evento e esperar a nossa volta em lugar antecipadamente combinado. Só conhecia uma pessoa na van, mas no fim do evento havia criado laços com quase todos e já estamos combinando o próximo show. Continuamos mantendo contato pelo Facebook, inclusive marcando ida em shows locais.

⁸ Banda de Death Metal melódico/Viking Metal formada em 1988 com o nome "Skum". Em 1992 passou a ser chamada de Amon Amarth, nome retirado da obra O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien, onde significa "Montanha da Perdição", no idioma denominado "língua élfica".

⁹ <https://www.facebook.com/>

A banda Amon Amarth possui influência Viking, além da herança viking dos integrantes, dotados de barba e cabelos cumpridos loiros, sua música possui letra com temática viking, assim como acessórios como os braceletes em couro com detalhes que vão do punho até quase o antebraço. O vocalista usa preso ao cinto um grande chifre e no fim da música “Raise Your Horns” todos os integrantes bebem hidromel nesses chifres. Hidromel é uma bebida alcoólica, a qual seu processo de fermentação é através do mel.

As letras narram a brutalidade das batalhas, os deuses da mitologia e a cultura viking. O ápice do evento foi a performance de alguns headbangers. Em algumas músicas alguns headbangers sentavam ao chão, organizados um atrás do outro criando várias filas, uma ao lado da outra. No momento em que sentavam encolhiam as pernas e faziam movimentos com os braços como se estivessem remando uma embarcação viking. Tudo muito sincronizado. Assim que percebi o que estava acontecendo corri imediatamente para participar e mais uma vez era a única menina. Durante o show essa performance ocorreu quatro vezes. Esse era o meu primeiro show do Amon Amarth e já tinha ouvido falar dessa performance.

O público brasileiro é muito receptivo e em vários shows presenciei os headbangers cantando em coro as músicas, tanto em inglês como em outras línguas. A participação do público brasileiro se faz tão presente que mesmo durante os solos de guitarra os headbangers acompanham a melodia com o “ôôô” imitando os sons da guitarra. Fui algumas vezes no show da banda Megadeth¹⁰ e na música “Hangar 18” durante o solo quase no fim da música, o público diz “Megadeth” e a palavra encaixa perfeitamente no som que a guitarra faz, ou seja, existe uma interação própria deste grupo.

Por ouvir Metal desde a infância, frequentar inúmeros shows e ler sobre pesquisas relacionadas a esse conteúdo, e tendo ingressado na universidade para cursar Ciências Sociais, fiquei interessada em tomar o Metal como tema de pesquisa. Meu primeiro interesse pela temática foi compreender as emoções vividas e compartilhadas nos shows que frequentava, particularmente o Festival de Bandas Novas em Juiz de Fora, o qual frequento desde 2007 e foi objeto de pesquisa em um artigo, escrito em co-autoria com minha orientadora ainda na pesquisa de graduação, “Música e extravasamento: festa como perspectiva, juventudes e Heavy Metal em Juiz de Fora-MG”¹¹, no qual apresentamos parte de uma pesquisa antropológica do Festival de Bandas Novas. O festival tem sua edição

10 Banda norte-americana de Thrash Metal formada em 1983.

anualmente e as bandas de Metal possuem destaque neste evento. Sendo assim foi necessário nos aproximar do gênero musical e pensar a relação entre um grande número de jovens e este gênero musical ou estilo (de vida) que é o Metal. Em seguida é abordada a intensidade na música, destacando a experiência do mosh nos shows como extravasamento e por fim as perspectivas teóricas contemporâneas a respeito da festa em uma perspectiva social.

Após a publicação do artigo, continuei com a pesquisa sobre Metal em meu trabalho de conclusão de curso, em 2016, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora sob o título “Juventude e música: a socialização no Metal”. O trabalho possui uma abordagem introdutória à socialização de jovens no Metal e parte de questões postas pela Antropologia e a Sociologia sobre a temática “juventude” enquanto questão social ou cultural, apontando a relação entre jovens e música da perspectiva da constituição de “juventudes” para assim abordar o tema da socialização no “Metal”. A partir de uma pequena introdução ao gênero Metal, propõe questões sobre a relação entre juventude(s) e Metal, tais como a sensibilidade atrelada à escuta de sons “pesados”, a hierarquia interna entre os fãs, a relativização da noção de “juventude” e a interação entre gerações de headbangers.

Em 2014, ao elaborar um artigo final em grupo para disciplina Metodologia aplicada à Ciência Política, “O povo metaleiro: a temática da política dentro do Heavy Metal brasileiro”, eu e mais dois colegas, Adrielle Luchi Coutinho Bove e Rafael Siqueira Machado, explicamos como a política é retratada pelo Heavy Metal, no caso específico brasileiro. Buscando compreender através das letras das músicas a forma pela qual a visão política é expressa nas décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010. Foram levantadas 15 bandas com essa temática, e num total de 423 letras escritas em português. A fonte para esse levantamento foi o site Metal Archives¹², verificando, então, se há relação entre as décadas analisadas com as letras, se elas sofrem mudanças simultaneamente com a política, as

11 SEIXAS, Luana; PISSOLATO, Elizabeth. Música e Extravasamento: festa como perspectiva, juventudes e Heavy Metal em Juiz de Fora-MG. Revista Antropológicas, v.26, p. 134-158, 2015.

12 Criado em Julho de 2002, o site tem o objetivo de fazer crescer o banco de dados para que assim seja o maior e mais completo site sobre bandas de Heavy Metal possível. Já que não é possível saber sobre a existência e informações de todas as bandas, então o site possibilita a contribuição das bandas para o preenchimento das informações, como integrantes das bandas contendo o tempo o qual integrou a banda e os outros trabalhos que já realizou, também a história da banda, letras e discografia completa com álbuns contendo seu ano de lançamento e demais características das bandas não só de uma nacionalidade como de qualquer outra. <http://www.metal-archives.com/>

regiões do Brasil que essas bandas estão situadas e os subgêneros correspondentes a estas bandas.

Os resultados obtidos na pesquisa apontaram que o discurso crítico ao sistema político encontrado nas letras das músicas não se aplica a um alvo específico, seja instituição, partido político ou indivíduo, mas a todo o sistema político brasileiro através de um sentimento pessimista. Uma das hipóteses que levantamos foi a de que a origem desse sentimento de revolta e crítica tenha sido influenciada pela história de origem do Metal Extremo nos EUA e Europa, acompanhado de uma rapidez e peso dos instrumentos (característica dos gêneros analisados: Thrash Metal, Death Metal e etc) com uma tendência a tratar o tema da política. E ainda sobre a origem das bandas que abordam o tema política, concluímos que os estados Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo tem maior predominância.

O Metal sempre esteve presente na minha vida, ouvindo bandas enquanto estudo e escrevo essa dissertação, não só por tratar-se do objeto escolhido para a realização da pesquisa, mas também pelo prazer em ouvir o som. Este estudo e o olhar como pesquisadora me permitem extrapolar o meu gosto por esse gênero musical ao me motivar a compreender elementos de estética dentro do Metal e especificamente no Black Metal, e também verificar como operam as relações entre os headbangers de diferentes gostos musicais dentro do Metal, particularmente observando as relações de hierarquia e discriminações entre os mesmos.

A partir da minha trajetória no Metal, ou seja, da minha mudança de gosto musical perpassando por vários subgêneros, dentre eles o Black Metal me fez questionar a existência de uma possível hierarquia entre os subgêneros e/ou o gosto musical dos headbangers. E especificamente o Black Metal, que dentre os subgêneros que conheci durante minha trajetória, este foi o último e por este motivo meu interesse em aprofundar minha análise nas suas especificidades quanto ao som.

2. PESO-CUM-BLASFÊMIA:

2.1. Blasfêmia, som pesado e virtuosismo

O Metal é marcado por elevadas distorções amplificadas, longos solos de guitarra e volume alto. Sofreu várias transformações, as quais são consideradas derivações, ou seja, o surgimento de novos subgêneros. Os subgêneros advêm de separações articuladas pelos fãs e não se manifesta aleatoriamente, independente dos demais subgêneros do Metal, pelo contrário, está constantemente interagindo com eles. Apesar das semelhanças, os subgêneros do Metal possuem algumas características próprias, assim como o Death Metal utilizado como exemplo por Azevedo (2005). Dentre os instrumentos utilizados estão presentes a bateria, baixo, duas ou até três guitarras e em alguns subgêneros específicos encontramos flauta e teclado. O caminho trilhado pelo Metal segue por bandas que possuem diferenças quanto à escolha de determinados instrumentos e a maneira de executá-los, caracterizando assim particularidades de cada subgênero. Na tabela abaixo, Cláudia Azevedo (2005) lista as principais características de alguns subgêneros do Metal, organizando informações sobre sua data aproximada de surgimento, assim como suas especificidades técnicas e instrumentos utilizados.

	VOCAL	INST.	PARTICULARIDADES	TEMAS PRINCIPAIS
<i>THR</i> <i>ASH</i>	Gritado e/ou gutural.	Gt (2) bx, bt.	Afinação abaixada, mudanças de andamento, harmonias menores, dissonância.	Crítica sociopolítica, questões existenciais.
<i>DEA</i> <i>TH</i>	Gutural	Gt (2), bx, bt.	Afinação abaixada, <i>blast beats</i> , mudanças de andamento e métrica, passagens complexas, atonalismo, dissonância.	Morte, decadência, crítica sociopolítica e anticristã.
<i>BLA</i> <i>CK</i>	Gutural ou gritado “rasgado”	Gt, bx, bt (tc).	<i>Blast beats</i> , mudanças de andamento, harmonias menores, dissonância.	Anticristianismo, satanismo, paganismo, mitologia (esp. nórdica), Idade Média, questões raciais.
<i>DO</i> <i>OM</i>	Gutural e/ou natural.	Gt, bx,	Andamentos lentos, afinação abaixada, harmonias menores, dissonância.	Questões existenciais e filosóficas: desespero, melancolia.

		bt (tc).		
<i>GÓT ICO</i>	Gutural, natural e/ou operístico; forte presença feminina.	Gt, bx, bt, tc.	Harmonias menores, dissonância, linha melódica importante.	O oculto, paganismo, questões afetivo-existenciais, horror gótico (romantismo).
<i>HEA VY e PO WE R</i>	Natural e/ou operístico; forte presença de tenores.	Gt, bx, bt, tc.	Afinação abaixada, harmonias menores, linha melódica importante, música de concerto europeia.	Épico, heróico, metafísico, ficção científica, mitologia, fantasia, Idade Média, hedonismo.
<i>PRO G</i>	Natural e/ou gritado.	Gt, bx, bt, tc.	Compassos ímpares, passagens complexas, música de concerto europeia e/ou jazz.	Existencial, filosófico, ficção, crítica social.

Legenda: gt = guitarra elétrica; bx = baixo elétrico; bt = bateria; tc = teclado; vc = vocal.

O quadro criado pela autora não apresenta todos os subgêneros do Metal, no entanto estão presentes os subgêneros a que daremos ênfase nesta pesquisa, o Metal Extremo, composto pelo Thrash, Black e Death Metal.

O antropólogo canadense Sam Dunn criou uma árvore genealógica do Metal em seu documentário “Metal Evolution” (2011). O produtor e diretor organizou a tabela em grupos de bandas com o auxílio de setas para explicitar a ordem de origem de cada subgênero e assim a influência que um subgênero tem sobre o outro adotando alguns elementos deste, apesar de não conter as informações descritas na tabela acima, a figura da árvore genealógica é exibida e lembrada em cada episódio do documentário. Sua árvore genealógica é mais completa no sentido de abarcar mais subgêneros.

A partir destes mapeamentos de subgêneros entendemos que a especificidade técnica dos instrumentos, tanto quanto ao uso e a maneira de executá-los permite a criação de subgêneros diferentes a cada dia. O site Whiplash¹³ (2015) lançou uma matéria listando os dez instrumentos mais bizarros usados por bandas de Rock e Metal. Na lista contém Gaita de Fole, Waterphone, Serra Elétrica, Didgeridoo (instrumento nativo indígena australiano), Nai (espécie de flauta de pã), vocais como instrumentos, Dulcimer personalizado, Acordeom,

13 <http://whiplash.net/> - Site inaugurado em Junho de 1996 que se transformou em um veículo de comunicação sobre Rock e Heavy Metal no Brasil.

Colheres e Hurdy-Gurdy. Muitos dos instrumentos são desconhecidos e outros inusitados, mas vale tudo para criar um som diferenciado.

O que demonstra que os subgêneros do Metal estão em constante transformação e a cada dia surgem novos subgêneros a partir da utilização de novos instrumentos ou na maneira distinta de executá-los, ou seja, uma determinada segmentação se desdobra a partir de outra segmentação dando origem a um novo subgênero, seja na criação de um som inusitadamente novo, ou mesmo da junção de diferentes subgêneros e assim dando origem a um novo som. Como por exemplo, o “Nu Metal”, o qual combina elementos do Heavy Metal com o Hip-Hop. Assim como o “Folk Metal”, subgênero o qual mistura “Black Metal”, “Death Metal”, “Thrash Metal” e outros elementos de música celta e de outros povos, algumas bandas inclusive incorporam elementos vikings em suas canções com ritmos e melodias folclóricas. Portanto, a cada dia são criados novos subgêneros Metal, sejam com elementos novos, sejam eles misturados com outro estilo.

O surgimento de cada subgênero sobrepõe o anterior, com o objetivo de se diferenciar no som no uso de instrumentos específicos e a maneira de executá-los, na estética nas vestimentas e no comportamento dos fãs. Como por exemplo, o Thrash Metal que surgiu em oposição ao Glam Metal, tanto em relação ao som ao priorizar um som mais pesado em relação ao som “quase pop” do Glam, assim como na estética ao fazer uso de coletes e calças jeans e a clássica blusa preta de banda, enquanto o público Glam usava maquiagens femininas e roupas coloridas e brilhosas com estampa de animais como onça e zebra e extravagância nas performances nos palcos. No Metal não é só através dos contrastes que surgem novos subgêneros, pois mesmo nestes contrastes, o subgênero tem influência de subgêneros mais antigos, considerados clássicos em sua maneira de executar os instrumentos.

Pode-se dizer que, de modo geral, os subgêneros metal têm, em comum, a utilização frequente de recursos de amplificação e distorção de instrumentos eletroeletrônicos, riffs estruturais, power chords, afinações abaixadas, andamentos contrastantes, compassos quaternários com acentuações e desvios sobrepostos ao pulso (o Death Metal, como supracitado, não se encaixa nesta generalização), intervalos (harmônicos e melódicos) dissonantes e/ou harmonias modais. (AZEVEDO, 2005, 26)

A identificação das características musicais dos subgêneros do Metal se estabelece no momento em que o fã começa a se encantar pelo som. O fã vai aos poucos conhecendo cada subgênero e moldando seu gosto musical, ou seja, escolhendo os subgêneros, o qual mais se identifica. Começa a apreciar tal tipo de vocal, tal distorção de guitarra e outras características típicas de cada subgênero e acaba por distinguir cada subgênero. Em relação aos subgêneros a partir de músicos e fãs, ambos contribuem para a diferenciação dos subgêneros, o músico na criação de novos subgêneros recorrendo a uso de instrumentos e maneiras de executá-los diferenciadamente e os fãs que mesmo não participando dessa criação, as reconhecem, possibilitando uma comunicação entre ambos não apenas no compartilhamento do gosto pelo som, mas sim por compreender esse som ao conseguir categorizá-lo dentro dos subgêneros.

Neste estudo daremos atenção aos grupos de subgêneros chamados de Metal Extremo, os quais estão presentes “Thrash”, “Black”, “Death”, “Grind” e “Doom”, uma vez que se assemelham quanto ao peso, brutalidade e rapidez em contraste com os demais subgêneros. O “Thrash Metal” foi o primeiro subgênero deste conjunto a surgir e Ian Christie (2010) em seu livro “Heavy Metal: a história completa” descreve como os integrantes da banda Slayer decidiram “dar peso as suas músicas”:

Os guitarristas solo Kerry King e Jeff Hanneman ajustavam o uníssono melódico dos riffs do Iron Maiden para um tom menor, ou simplesmente os tocavam fora do tom. King particularmente favorecia quebras na levada que eram vistosas e fraturadas, fazendo uso total da alavanca e dos trastes extras de sua guitarra B. C. Rich Mockingbird. (...) O Slayer tocava o estouro selvagem do Metallica com um descuidado e feroz contorno em vez de uma levada austera, e Show no Mercy ficou repleto de satanismo e referências a circunstâncias malignas. O objetivo não era exatamente a dominação mundial, mas sim a destruição total. “O que nós fizemos foi pegar o metal e injetar uma dose de punk nele, e a coisa toda derivou disso”, declara Kerry King. (Christie, 2010: 137).

Leonardo Carbonieri Campoy descreve a passagem do “Thrash Metal” ao Metal Extremo, composto pelos subgêneros “Death Metal”, “Doom” e “Black Metal”:

É importante contextualizarmos o discurso do trash. Independentemente se os outros estilos de metal extremo são ou não “frutos” do trash, fato é que este

estilo se tornou datado entre os praticantes justamente pelo surgimento dos outros estilos. Frente ao death, ao doom e ao black, o trash é, de fato, percebido como velho. Sendo assim, na semântica dos estilos de metal extremo underground, acionar atualmente a identidade trash “pura” significa, necessariamente, se remeter ao passado do metal extremo. Espécie de celebração dos “velhos tempos”, aliar-se à “velha escola” do metal “lixão” demanda do praticante a incorporação em sua imagem de todos os elementos desse passado. (Campoy: 2008:113)

Tocar mais rápido do que os outros de maneira competitiva, mesmo que em algumas partes da música, as notas se tornem indiscerníveis. Mudanças de tempo, pausas instrumentais e passagens arrastadas compõem os elementos do “Thrash Metal” e, sobretudo do Metal Extremo. O “Thrash Metal” desencadeou o surgimento do “Black Metal”, o qual se tornou uma inspiração para o Death Metal e posteriormente a criação dos subgêneros “Grind” e “Doom”. A velocidade extenuante dos instrumentos e vocais dotados de gritos enérgicos. Em relação aos diversos tipos de vocal que o Metal engloba Marcelo Martins Elme (2015) em seu estudo sobre técnicas vocais aborda particularidades estilísticas do canto assim como técnicas e expressividade que nos ajudam a pensar sobre esse processo:

Utilizando o grito como forma de expressão, a canção punk aparentemente prescindia de qualquer tipo de técnica vocal e instrumental. No entanto, seus intérpretes, na própria tentativa de expor esse aspecto “indisciplinado” de suas vozes, acabaram desenvolvendo recursos técnicos como voz suja, voz rouca, voz gutural, overdrive, fry e growl, – possivelmente após muitos erros e acertos e não sem que diversas vozes fossem danificadas no processo. (Elme:2015:130)

O “Overdrive” aqui exemplificado por Elme, é um tipo de distorção vocal presente principalmente no Punk, Heavy Metal e Thrash Metal, enquanto que o “fry” é o registro mais grave em uma frequência muscular pra emitir som baixo que é possível captar o pulso vocal como uma rápida série de pulsações e por último o “growl” que se caracteriza como uma técnica vocal que produz um som rouco e grave com auxílio do diafragma. A escolha de técnica a ser utilizada está diretamente implicada ao peso em que se deseja atribuir à música.

A partir da noção de peso do vocal e dos demais instrumentos que permeiam este gênero musical, entre os headbangers existe uma discussão quanto a maneira de tocar do Metallica e sua perda de peso, tanto em relação à gravadora que os obrigou a tornar sua

música mais comercial e também ao fato do baterista Lars Ulrich não conseguir “esmurrar a bateria”, ou seja, fazer as viradas de prato mais rápidas e fazer o uso de pedal duplo. Essa acusação ocorre porque o valor central do Thrash Metal é a sua rapidez. Esta discussão é compartilhada entre os fãs de Metal por todo o mundo e também pode ser vista na série de documentários do antropólogo canadense Sam Dunn em seu episódio sobre “Thrash Metal”.

O Metallica desejava participar do grande circuito enquanto o Slayer seguia com seu peso compartilhando fetiches de elementos satânicos como chifres de demônio, cruzes invertidas, bodes e pentagramas. Esses elementos estão presentes nas músicas, capas de discos, clipes das bandas e em alguns casos até mesmo no logo de bandas, como por exemplo, a banda Slayer que em sua logo apresenta um pentagrama invertido atrás das letras que compõem o nome da banda em fonte vermelha.



A diferença apontada entre a trajetória do Slayer e do Metallica é o que diferencia o underground do mainstream descrito por Leonardo Carbonieri Campoy (2008) em sua dissertação de mestrado, na qual é realizada uma etnografia com algumas bandas de Metal Extremo, inclusive conversou com Yuri D'Ávila, um dos idealizadores da Nocturnal Age Records, selo responsável por prensar, distribuir e divulgar CD-R demos de bandas brasileiras, como veremos mais adiante.

O pentagrama utilizado no logotipo da banda Slayer está presente na estética do Metal Extremo, em logo de bandas, capas de álbuns, colares dentre outros. Trata-se de é um amuleto de proteção e na interpretação dos satanistas, as três pontas localizadas abaixo representam a negação da Santíssima Trindade. O pentagrama invertido também se assemelha a cabeça de um bode, animal que faz referência a sacrifícios e assim como também lembra a imagem do Baphomet. Assim como a sua representação de Eliphas Levi em seu livro “Dogmas e Rituais da Alta Magia” (1861), a qual se tornou a representação “oficial” do Baphomet.



Segundo Éliphas Lévi (1856), na testa do bode está presente o pentagrama e a chama da inteligência que brilha entre seus chifres simboliza o equilíbrio universal, a alma acima da matéria. A feiura da cabeça expressa o temor do pecador, como o único responsável a suportar a punição. Suas duas mãos formam o sinal do hermetismo, e uma das mãos aponta para baixo e representa a harmonia da misericórdia com a justiça. Em seus braços encontramos as palavras “Solve” (separadas) e “Coagula” (junte-se) que são associados aos poderes de “unir e perder”, que aparentemente teriam sido apoderados de Deus. Seu corpo é coberto por escamas e a vara no local onde seriam os genitais representa a vida eterna. Os seios caracterizam a humanidade. O nome Baphomet refere-se à Inquisição e às torturas dos Cavaleiros Templários na Idade Média, época a qual pessoas eram torturadas por adorar esse líder pagão. A figura do Baphomet e do pentagrama estão presentes nas capas de álbuns, nos logos de bandas, em colares e tatuagens, sendo apropriada principalmente pelo público do Metal Extremo, sem restringir o uso a esse público. O ocultismo aqui está em oposição ao Cristianismo. Leonardo Carbonieri Campoy (2008) cita a figura do Baphomet de Eliphas Lévi e o pentagrama como dois símbolos muito presentes em colares e torsos dos fãs de Black Metal e utiliza como exemplo Ciriato, guitarrista da banda Domsday Ceremony (2000) que possui uma tatuagem do Baphomet no peito. A banda de Black Metal “Evilwar” (1999) também é um exemplo da utilização dessa figura na capa de seu álbum intitulado “Bleeding in the Shades of Baphomet”:



A negação e crítica ao Cristianismo estão relacionadas ao fato de ser apontada como manipuladora ao obrigar seguir suas tradições, pois do contrário seria condenado ao inferno. Trey Azaghot, guitarrista e fundador da banda de “Death Metal”, Morbid Angel, ao ser entrevistado por Ian Christie narra sua experiência com o Cristianismo:

O guitarrista Trey Azaghot, do Morbid Angel, formado nos tempos emocionantes de 1984, conta que “lá naquele tempo havia um grande alvoroço sobre atacar o cristianismo. Eu fui criado como cristão e sofri uma pequena lavagem cerebral, então comecei a odiar essas crenças. Agora que estudei psicologia, consigo entender e sei a importância da religião, de como as pessoas condicionam-se às suas crenças e desenvolvem filtros perceptivos”. (Christie, 2010:148)

“Blasfêmia” significa insultar uma divindade, uma religião, ou seja, insultar algo considerado sagrado, digno de respeito ou reverência. O termo é muito utilizado pelos fãs de Black Metal, assim como “heresia” e “profanação”, tanto nas letras de músicas quanto nos discursos no palco entre as músicas. Existe ainda uma banda colombiana de Black Metal com mesmo nome, formada em 1986. Jonas Otterbeck, Douglas Mattsson e Orlando Pastene escreveram um artigo intitulado ““I am Satan!” Black Metal, Islam and blasphemy in Turkey and Saudi Arabia” (2018). Este artigo é sobre um fenômeno surgido na Turquia e na Arábia Saudita em que o Black Metal se opõe ao Islã. O Black Metal como uma forma de expressão através da letra e a brutalidade musical e estética como resistência provocativa e desprezo pela religião. O artigo também comenta sobre o uso de expressões verbais blasfêmicas pelas bandas e o motivo seria a opressão do Islamismo nas escolhas de estilo de vida dos artistas e da sociedade em geral, ou seja, o Islamismo percebido como o principal obstáculo para uma vida melhor, diferente do Brasil em que a religião é percebida como alienadora. Aborda ainda a facilidade de acesso à música das bandas através da internet, o que é visto com estranheza, já que ao se tornar público poderia receber acusações de blasfêmia.

Quanto essa crítica às religiões, veremos no decorrer deste capítulo que algumas bandas ultrapassam o insulto apenas pelo viés da música marcando a rejeição anticristã¹⁴

14 Que ou aquele que é contrário aos cristãos e/ou ao cristianismo, ou seja, aqueles que se opõem a Jesus Cristo.

através do uso de símbolos e imagens do Ocultismo. Para um melhor entendimento sobre essa característica do Metal Extremo, será preciso entender o contexto de origem do Thrash, Black e Death Metal diferenciando-os dos demais subgêneros.

O som pesado e agressivo está diretamente relacionado às letras, a maneira veloz de tocar os instrumentos, assim como no comportamento e vestes dos headbangers. As bandas possuem letras agressivas e a vestimenta dos integrantes e fãs são sobrecarregadas de símbolos, como a cor preta, correntes e tachas metálicas, dando um valor agressivo também nas vestes. A agressividade não está apenas no som e nas vestimentas, assim como nas capas de álbuns de bandas de Black Metal como veremos no capítulo a seguir.

A hierarquia no Metal pode ser pensada em duas perspectivas. A primeira relacionada a técnica, ou seja, voltada a uma harmonia rica em sua execução e na escolha de instrumentos, e possui elementos mais próximos da música clássica, bem próximo das óperas. “No metal, além do cuidado com os elementos sonoros que vão, ou não, fazer parte da música e das escolhas referentes à aparência e comportamento, há a parte virtuosística da execução (Azevedo, 2007, p.15)”. Nesta primeira estão presentes os subgêneros Power Metal, Metal Progressivo, metal Sinfônico dentre outros que priorizam elementos sinfônicos atribuído da música clássica com técnica vocal de óperas e diferentes tipos de teclados tocados de maneira desafiadora com arranjos orquestrais e os demais instrumentos, como guitarra, baixo e bateria são executados de maneira simples. Muitas vezes uma orquestra real é utilizada ao vivo em um show ou em estúdio. Em 2014 a banda de Metal Progressivo Dream Theater também compartilhou o palco com a orquestra e o coral de Berklee College of Music, o show foi gravado no Boston Opera House. Outra referência é a banda finlandesa de Power Metal sinfônico Nightwish (1996), a qual lançou seu álbum “Century Child” em 2002 contendo a música The Phantom of the Opera na nona faixa. O Fantasma da Ópera é um romance francês escrito por Gaston Leroux, publicado pela primeira vez como uma serialização em 1909 a 1910. Em 1986, seu musical contava com músicas compostas por Andrew Lloyd Webber e letras de Charles Hart e Richard Stilgoe. Tarja Turunen, vocalista do Nightwish interpreta a música com sua técnica vocal soprano lírico.

A segunda se refere ao oposto, pois aqui a harmonia não possui tanto destaque como na primeira perspectiva. Pouca preocupação quanto à técnica e prioridade quando a rapidez e peso necessários para tocar os instrumentos. O desafio que depende de uma preparação física para conseguir tocar por horas desta maneira, de braços dos guitarristas e baixistas e

movimentos de braços e pernas dos bateristas. Um cansaço gerado não apenas pelo calor de cima dos palcos com toda aquela luz refletida nos rostos, grudando os cabelos compridos nas roupas pretas muitas vezes de couro e também o cansaço dos esforços dos integrantes para executar seus instrumentos com rapidez. A rapidez para produzir um som pesado é o ponto crucial para um fã de Metal Extremo. A música “You suffer” da banda Napalm Death possui 280 bpm (batidas por minuto).

A hierarquia no Black Metal não está relacionada apenas na rapidez ao executar os instrumentos, ou seja, no seu peso em sonoridade, mas no conhecimento dos demais elementos, ou seja, a história turbulenta de sua criação, os temas abordados dentre eles, histórias de demônios e insatisfação quanto a posição do Cristianismo com referências constantes a Satã e ao Ocultismo (crença nos poderes sobrenaturais em oposição ao conhecimento mensurável). Quanto aos termos “Ocultismo”, “Satanismo”, “Paganismo”, “Anticristianismo”, todos eles são apropriados por bandas e fãs como crítica à religião, independente do seu significado especificamente.

Sobre um fã enérgico de Black Metal é importante destacar três pontos: este fã se queixa quanto a um headbanger ouvir subgêneros de origem mais recente como o Nu Metal, subgênero que mistura Metal com outros gêneros musicais como o Hip Hop e por este motivo são criticados. O movimento inverso também acontece e o Metal Extremo (formado pelos subgêneros Thrash, Black e Death Metal) não agrada os ouvidos dos fãs da geração dos anos 80, os quais têm gosto musical voltado para o Heavy Metal e outros subgêneros mais próximos seguindo uma linha mais clássica do Metal. Outro ponto importante é sobre a queixa das bandas que recebem cachê em seus shows, pois demonstra que o comercial está acima do gosto pelo Metal, como vimos anteriormente a oposição entre o underground e o mainstream na pesquisa de Leonardo Campoy (2008).

A partir dessas ideias sobre o que um fã de Black Metal deveria gostar ou acreditar que surgem as regras. Ouvir música envolve distintas perspectivas, pois cada fã escolhe ouvir aquilo que lhe traz prazer. Não existe uma receita para começar a ouvir Metal ou aprender a ouvir, assim como não existe um mapa de apreensão. O ingresso no Metal Extremo está na transformação de sua escuta. Em meio aos incessantes subgêneros do Metal, o headbanger ao se enveredar no Metal Extremo precisa descobrir e ouvir não em um sentido de música ambiente e sim em um sentido significativo ao processar todo o conjunto

de referências que ele abarca em sua sonoridade e na composição de elementos que estão diretamente relacionados à música.

A escuta se caracteriza como virtuosística, pois não se trata de apenas desenvolver o gosto pelo som e outras ações que o acompanham como, por exemplo, conseguir entender as palavras que são cantadas utilizando a técnica de vocal gutural. Não se trata apenas de entender as técnicas ou mesmo reproduzir modos de vestir e se comportar. O virtuosismo no Black Metal está no conhecimento sobre o surgimento do subgênero, de toda a sua história de assassinatos, suicídio e queima de igrejas e a relação dessa história e acontecimentos encontrados nas letras. Essa forma de experimentar e viver a música expande a esfera musical.

2.2 – “Black Metal”, O “Metal Satânico”

O livro “Lord of Chaos: the bloody rise of the satanic metal underground” de Michael Moynihan e Didrik Soderlind (1997) conta a história do Black Metal com diversas fotos e relatos, no entanto, alguns músicos e fãs discordam da maioria das declarações afirmando que foram mal explicadas, fora de contexto e com exageros; e algumas até consideradas mentiras.

O “Black Metal” possui três gerações que posteriormente originam novos subgêneros, os quais não serão discutidos nesta pesquisa, no entanto é importante destacar que as diferenças estão relacionadas às técnicas instrumentais e ideologia, ou seja, implicam em uma filosofia e estética, intimamente conectadas pela música.

No decorrer dos anos 1980, muitas bandas de Thrash e Death Metal influenciaram com sua sonoridade dando origem ao modelo de banda de Black Metal. Dessa primeira geração fazem parte bandas como Bathory, Celtic Frost, Venom, Hellhammer, e Mercyful Fate. O termo “Black Metal” foi criado pela banda Venom, mesmo nome de seu álbum lançado em 1982 e ainda que seja considerado Thrash Metal, o mesmo exibia imagens e temas relacionados ao Satanismo e ao Anticristianismo. Várias bandas como Slayer e

Destruction fizeram o uso de temática satânica em suas letras, no entanto se diferenciavam pelo som, ou seja, para uma banda ser considerada Black Metal não se trata apenas da abordagem de determinados temas em suas letras, mas também de uma sonoridade específica. Pode parecer confuso a primeira vista e realmente foi. O Black Metal só conseguiu sua solidez a partir da sua segunda geração.

A segunda geração manifestou-se no início dos anos 90, liderada por bandas norueguesas como Gorgoroth, Mayhem, Burzum e Immortal. Essa geração foi marcada por assassinatos, suicídio, igrejas e capelas queimadas e violações de túmulos, fatos que colaboraram para a propagação do Black Metal pelo mundo. Dead (Per Yngve Ohlin), vocalista da banda Mayhem cometeu suicídio e foi encontrado pelo guitarrista Euronymous, com cortes nos pulsos e no pescoço e com um tiro de espingarda na cabeça. Euronymous antes de chamar a polícia, comprou uma câmera descartável e fotografou o corpo, foto que foi utilizada como capa do álbum Dawn of the Black Hearts.



Em 1993, Euronymous foi assassinado por Varg Vikernes. O motivo de sua morte foi devido a desentendimentos com o Varg Vikernes, que na época usava o nome de Count Grishnackh. Varg era influenciado pelo nazismo, chamado de Black Metal Nacional-

Socialista (NSBM), Nazi Black Metal ou Black Metal Nazista, e pregava um resgate de uma herança pagã norueguesa. O Euronymous era satanista e também queria abordar essa herança. O conflito foi ficando cada vez mais intenso até que terminou em assassinato. O Varg alega que foi ameaçado antes, mas não há provas disso. Existem boatos que os integrantes da banda Mayhem e de outras bandas norueguesas participavam de um grupo chamado Inner Circle, no qual eles organizavam a cena Black Metal na Noruega e planejavam atentados à Igreja, no entanto, a existência desse grupo nunca foi confirmada.

Varg foi condenado a 21 anos de prisão, a pena máxima na Noruega. Junto a acusação de assassinato, havia também acusações de queima de diversas igrejas. Na prisão lançou dois álbuns da banda Burzum, projeto o qual ele toca todos os instrumentos, contando apenas com a ajuda do baixista Samoth da banda Emperor. Varg foi libertado em regime condicional em 2009, após 16 anos, no entanto, voltou para a prisão junto com sua esposa em 2013 por tramar um massacre e no mesmo ano foi liberado sob investigação. Em 1992, a primeira igreja a ser queimada foi a de Fantoft da Noruega. Igreja de madeira originalmente construída por volta de 1150. A polícia acredita que Varg foi o responsável uma vez que a capa do EP Aske ("cinzas") do Burzum é uma fotografia da mesma igreja destruída.

Ainda em relação aos crimes no Black Metal, Bård Faust, baterista da banda Emperor (1991) que assassinou Magne Andreassen, um homem gay, em uma floresta ao redor de Lillehammer. Enquanto Bård Faust caminhava à noite, Magne Andreassen, bêbado se aproximou e o convidou pra subir a floresta. Bård Faust aceitou o convite e o esfaqueou 37 vezes e então o chutou na cabeça diversas vezes até ele cair no chão. Bård Faust foi preso e confessou o assassinato e em 1994 foi sentenciado a 14 anos de prisão, mas foi solto em 2003 após ficar nove anos e quatro meses na prisão. Jon Nödtveidt, guitarrista e vocalista da banda de Black Metal sueca do Dissection (1989), foi considerado culpado de participar do assassinato do homossexual Josef Ben Meddour e em 2006 cometeu suicídio devido ao satanismo, ou seja, por acreditar que já havia cumprido seu papel na terra. Gaahl, ex-vocalista da banda de Black Metal norueguesa Gorgoroth (1992) que já foi preso por sequestrar e torturar um homem de 40 anos durante 6 horas, depois coletou seu sangue e bebeu durante um ritual satânico. Gaahl também foi preso por assalto e ofensas religiosas, entretanto, foi sentenciado a 1 ano e 2 meses de prisão, cumprindo apenas nove anos e pagando uma multa de 190 mil coroas (50 mil reais), alegando legítima defesa.

No Brasil, alguns fãs de Black Metal criticam essas ideias nazi e homofóbicas e até mesmo deixam de ouvir determinada banda por este motivo. Assim como Phil Anselmo, atual vocalista da banda Down e ex-vocalista da banda Thrash Metal Pantera (1981), que fez saudação nazista gritou “white power” (poder branco) para a plateia no fim do festival Dimebash em 2016. Evento este criado em memória do ex-guitarrista da banda Pantera, Dimebag Darrell Abbott, assassinado no palco em 2004 durante uma apresentação da banda na casa de shows Lucky Strike Live, na Califórnia.

Em uma matéria de Gilberto Porcidonio (2016) no Jornal online O Globo menciona esse acontecimento e apresenta uma foto do ato devidamente filmado e divulgado no YouTube e descreve a polêmica envolvida. A reportagem menciona que Phil tentou se desculpar dizendo que se tratava de uma piada interna por ter bebido vinho branco no camarim e por este motivo não pediria desculpas, o que provocou muito desconforto. Alguns relatos de personalidades do Metal foram apresentados, assim como o do guitarrista e vocalista Robert Flynn, da banda de Thrash Metal Machine Head (1991) que disse não apoiar uma cena em que um ato racista possa passar ileso e a posição de outros integrantes de bandas. Muitos amigos da cena juizforana deixaram de ouvir músicas da banda Pantera, assim como descartaram CDs e camisas.

O Black Metal teve um grande crescimento e as letras das bandas norueguesas abordavam temas pagãos, anticristãos e geralmente ocultos e dentre os álbuns da época se destacaram: “Fuck Me Jesus” da banda Marduk, “Pure Holocaust” da banda Immortal e “De Mysteriis Dom Sathanas” da banda Mayhem. Nesta mesma época, o Black Metal também ganhou seu espaço na Suécia com as bandas Nifelheim, Marduk, e Dark Funeral. Dentro do Black Metal existe ainda um pequeno movimento neonazista, no entanto é repellido pela maior parte dos músicos deste subgênero.

A partir dos anos 90 surge a terceira geração do Black Metal. O som das bandas Dimmu Borgir e Cradle of Filth se diferenciavam dos modelos da primeira e segunda geração do Black Metal e por isso foram classificadas de Symphonic Black Metal ou Black Metal Melódico (denominação no Brasil). Seu diferencial está relacionado ao uso excessivo de teclado e componentes da música clássica.

Nas três gerações do Black Metal destacam-se as letras com temática Anticristã e Satanista, o uso de elementos estéticos específicos como cruz invertida¹⁵, pentagramas, a

15 A cruz invertida representa oposição ao cristianismo, como símbolo do anti-cristo.

imagem do Baphomet, a utilização do Corpse Paint e o peso em sua sonoridade empregando ou não o uso de componentes da música clássica. O conjunto destas características compõe o Black Metal conhecido mundialmente.

2.3. Black Metal em Juiz de Fora

Antes de ir ao show de *Black Metal*, preciso saber quais roupas devo usar para conseguir me misturar ao público. Não é apenas o preto que está em questão, mas o uso de camisas de bandas do subgênero, do qual as bandas que ali tocarão fazem parte. O uso de bota ou tênis, couro preto ou calça brim na cor preta. Sem o conhecimento dos subgêneros é preferível fazer o uso de uma simples blusa preta e não correr riscos de olhares de julgamento, afinal, ir com uma camisa de uma banda que não pertence ao Metal Extremo em um evento de Metal Extremo é demonstrar que você pode não saber diferenciar os subgêneros. Os acessórios não são vistos como necessários, mas se utilizarei algum, este deve ser na cor prata.

Fui ao evento vestindo uma blusa cinza escura, quase preta, saia e botas de couro na cor preta. Algo que sei antecipadamente sobre o show é que no Black Metal a prática do mosh é algo raro de se observar e todos os fãs deste subgênero assistem ao show em sua maioria de braços cruzados, corpo estático, o que não quer dizer que não se está apreciando o show. É como se marcasse a posição de quem consegue entender o peso da música em seu som e sua letra, e pode ser interpretado inclusive como um sinal de respeito à banda que está tocando naquele momento. Não existem momentos de aplausos e nem gritos como comemoração, e se o fã gostou mesmo da banda, este encontrará seus integrantes após a sua apresentação e fará algum tipo de comentário sobre o som de forma a elogiar a banda, exceto com a banda Superius, como veremos mais adiante.

Na apresentação de determinadas bandas, as trocas não acontecem de forma recíproca imediatamente, ou seja, enquanto a banda faz a sua apresentação, o público está

“paralisado” e somente após o show os fãs fazem elogios à banda, conversando e apertando as mãos dos integrantes. Nos shows de bandas de *Black/Death Metal* que presenciei este fenômeno ocorria quando a banda não era famosa e também quando a banda não era juizforana, uma vez que os laços de amizade entre integrantes da banda e público extrapolam esse comportamento. Foi o que ocorreu no Nocturnal Age Metal Fest 5 no dia 11 de novembro de 2018 no Stadium Music Bar localizado no bairro Aeroporto de Juiz de Fora. O evento foi organizado pela Nocturnal Age Records e pela Metal Hordes Zine¹⁶.

A Nocturnal Age Records¹⁷ foi criada no ano de 2001 por Juliano Sferatu e Yuri d'Ávila, para o lançamento do debut-CD da horda¹⁸ “Prophetic Age”. O selo Nocturnal Age Records lançou vários álbuns ao se unir à “Pazuzu¹⁹ Records” na distribuição oficial do CD “Profanation” da horda “Ocultan”. Posteriormente o selo lançou CD-R demos de bandas brasileiras como “Blasphemical Procreation”, “Superius” e “Sepulcro”. Yuri também mantém o zine Metal Hordes, o qual possui versão impressa e digital no site.

A venda de CDs e zines no site tem um total de quatro CDs, dois esgotados e outros dois disponíveis são: Nocturnal Age Compilation Vol. I – True Extreme Brazilian Metal Attack no valor de 16 reais e In Hell – The Final Torment no valor de 30 reais. Existem dezoito Demos CDs-R na mesma faixa de preço e alguns esgotados ou no valor de 14 reais. As zines custam treze reais e possuem quatro volumes contendo matérias e entrevistas com integrantes de bandas (março de 2006; 2006/2007; abril de 2010 e agosto de 2012). A Nocturnal Age Records possui uma WebZine virtual com o objetivo de divulgação de bandas de Metal principalmente nas vertentes do som extremo e nacional ao divulgar eventos em outros estados desde 2003 e criação e divulgação de seus próprios.

O Metal Hordes foi criado em 1 de março de 2004. No site encontram-se cadastradas 22 bandas brasileiras de diferentes estados. Possui uma agenda atualizada de shows a serem

16 Site: <http://www.metalhordes.com.br/>

17 Site: <http://www.nocturnalage.com.br/> Facebook Profile: www.facebook.com/nocturnalage Facebook Fanpage: www.facebook.com/NocturnalAgeRecords

18 O termo “horda” é utilizado pelos fãs de Black Metal para se referir a banda, ou seja, a horda “Prophetic Age” é o mesmo que a banda “Prophetic Age”.

19 Pazuzu como referência rei dos demônios do vento, filho do deus Hanbi. Representado por uma criatura de corpo humano coberto por escamas, dotado de garras, asas, cauda de escorpião com cabeça de um leão ou cachorro. Pazuzu também é o nome do demônio do filme “O Exorcista” (1973) baseado em um livro de mesmo nome de William Peter Blatty.

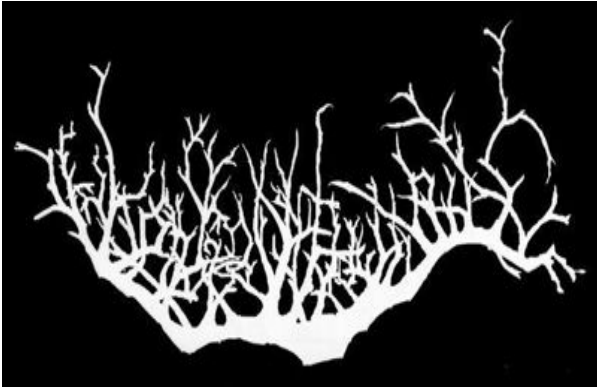
realizados com cartaz contendo informações sobre o estado em que será realizado o evento, bandas, valor e local de venda de ingressos. O site também possui resenha de CDs, LPs, EPs, k7. Para enviar demo, disco ou CD é preciso entrar em contato com o Yuri d'Ávila em sua residência e para isso o endereço é disponibilizado no site. No site do Metal Hordes e do Nocturnal Age Records encontramos os mesmos CDs e Demos com o mesmo valor. Existe ainda uma aba que contém 105 vídeos produzidos pelo Metal Hordes Zine e seus colaboradores em eventos e shows ao vivo pelo Brasil.

Para estudar a cena Black/Death Metal de Juiz de Fora é preciso observar todo esse envolvimento da Nocturnal Age Records e do Metal Hordes, uma vez que ambos são essenciais na preservação deste som na cidade, ou seja, são responsáveis por manter a cena através da gravação por meio de seu selo, venda de CDs e Demos destas bandas em seu site, assim como pela organização de shows.

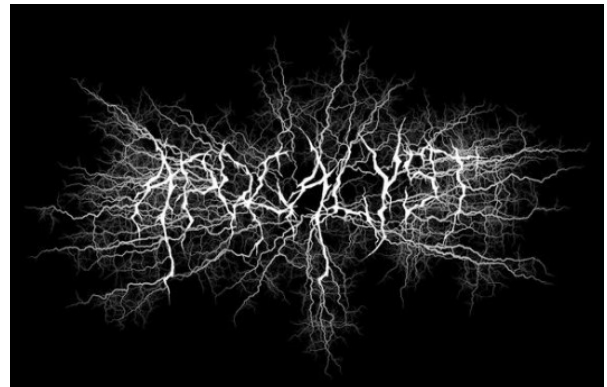
O evento Nocturnal Age Metal Fest 5 foi realizado em um bairro um pouco distante do Centro da cidade. Não só longe da movimentação do Centro, pois a casa de show situa-se em uma parte do bairro sem residências nas proximidades. Trata-se do bairro Aeroporto localizado a aproximadamente 7 quilômetros do Centro da cidade, o qual possui apenas uma única linha de ônibus para esse trajeto e com horários entre 5 h (o primeiro ônibus) e meia-noite (o último ônibus). O intervalo de horário da linha de ônibus dificulta a ida a este bairro mais afastado do Centro, o que força os fãs a procurar alternativas, seja táxi, Uber ou até mesmo carona.

Fui ao evento com um casal de amigos da faculdade, com os quais criei um laço de amizade forte devido ao gosto comum pelo Metal e já fomos a inúmeros shows juntos, de bandas famosas e locais, em Minas Gerais e em outros estados. Convidei esse casal de amigos através do evento criado no Facebook e depois fomos combinando como iríamos. Os ingressos foram vendidos no valor de 20 reais em lojas de artigos de Rock localizadas na cidade e também com a banda Superius, banda local que iria se apresentar neste evento. Os ingressos eram pequenas réplicas do cartaz do evento, se diferenciava pelo seu tamanho e também por apresentar uma rubrica no verso demonstrando sua autenticidade. No cartaz encontramos os nomes dos organizadores do evento através de sua logo, abaixo o nome do evento seguido pelo nome das bandas. No Metal, os nomes das bandas possuem fonte própria e/ou logo. No Metal Extremo essa fonte apresenta-se como garranchos e apenas após

um grande convívio na cena, é possível interpretar as letras e conseguir enxergar o nome da banda.



Korgonthurus (2000)– Banda finlandesa de Black Metal.



Apocalyst (2008)- Banda sueca de Black Metal.



Logotipo da banda Superius criado pelo produtor Yuri

Ainda no cartaz, abaixo dos nomes das bandas seguem informações quanto ao nome da banda, caso o público não consiga identificar, a cidade seguida de estado e país de cada banda. Alguns cartazes também apresentam o subgênero de cada banda que se apresentará no evento. Se a banda é internacional, além destas informações é adicionado o nome de evento famoso internacional em que a banda participou seguida do ano. No fim do cartaz encontramos o local do evento contendo o nome da casa de show e seu endereço, data, horário, valor do ingresso antecipado e também os locais de venda destes ingressos, assim

como os apoiadores a cena. Todos os cartazes de eventos de Metal Extremo juizforanos seguem esse padrão de confecção.



O cartaz do show da banda Belphegor em Campo do Meio e o cartaz do Nocturnal Age Metal Fest 5 em Juiz de Fora seguem um padrão de informações e disposições destas informações no cartaz. Medeiros e Porto (2015) descrevem a importância e a função desses cartazes:

Os cartazes, nesse contexto, atuam enquanto lembretes, enquanto elementos significativos dentro de uma cultura ligada às práticas musicais que possuem

relações diretas com processos de identificação: os cartazes lembram acerca de um evento importante para a recomposição, reengajamento e reafirmação do espaço cultural no qual compartilha – com outros sujeitos – uma estética, éticas, valores etc. Essa “chamada” é feita não somente através de informações objetivas, tais como local, bandas, preços de ingressos etc., mas também através de toda uma iconografia que possui sentidos na cultura: articulam o que se pode chamar de “auras” do rock. Em suma, os cartazes são artefatos que carregam em si não só um aspecto funcional, mas também uma série de códigos imagéticos que remetem a espaços culturais específicos. (232-233)

Os cartazes do Nocturnal Age Metal Fest 5 são expostos apenas nos locais de venda de ingressos, ou seja, colados nas vitrines das lojas. São criados eventos no Facebook para a divulgação desses shows com meses de antecedência, antes mesmo da criação do cartaz. No evento do Facebook, aos poucos vão sendo publicadas os nomes das bandas que farão parte do evento e nos comentários são adicionadas as letras das músicas e o link do perfil de cada banda. A organização do Nocturnal Age Metal Fest 5 por descuido criou dois eventos no Facebook com diferentes horários, o que deixou o público confuso. Para tirar dúvidas era preciso entrar em contato com os organizadores, o que não era impossível, já que todos os eventos de Black Metal têm sido organizados pelas mesmas pessoas. Fiquei sabendo do horário correto no momento da compra do ingresso ao conferir com o vendedor, o qual informou que o horário correto era o que constava no ingresso, ou seja, na pequena cópia do cartaz do evento.

No primeiro local em que tentei comprar meu ingresso havia esgotado e no segundo local, bem próximo do primeiro, restavam alguns poucos e meus amigos compraram estes últimos. Combinamos de nos encontrar no bairro São Pedro, próximo ao bairro Aeroporto, onde aconteceriam os shows. Junto a este casal de amigos, também iriam ao show o irmão deste amigo e sua namorada e com este número de pessoas decidimos ir ao show de carro.

Na porta da casa de show fomos revistados por seguranças, homens revistados por homem e as mulheres revistadas por uma mulher. Ambos os seguranças vestiam preto, a mulher de, sobretudo revistava além dos corpos também as bolsas e pedia para olhar todos os bolsos. Não era possível entrar com nenhum tipo de bebida, apenas comprar no bar que se localizava ao fundo, na direção do palco. Havia uma área descoberta para fumantes com

cadeiras e mesas de madeira, no entanto as pessoas fumavam na parte coberta onde aconteciam as apresentações das bandas. Os seguranças passaram entre os fãs posicionados entre o balcão e o palco diversas vezes. Os seguranças talvez não tenham chamado a atenção dos fumantes por chover muito na lateral não coberta da casa de show.

O proprietário do Stadium Music Bar possui outra casa de show na cidade, o Galpão Lounge Bar localizado no bairro Democrata, também conhecido por ceder espaço ao público Rock/Metal da cidade, no entanto a casa de show cedida ao Black/Death Metal é a mais distante e inaugurada há pouco tempo. As duas casas de show são parecidas quanto ao visual, ambas são decoradas com paletes e caixotes, assim como o balcão de madeira. O Galpão além de sua localização mais central, também é maior que o Stadium. O valor pago pelas bebidas não variam muito em relação às outras casas de show e havia ainda alguns salgados em uma estufa no balcão.

A parte coberta do Stadium, onde encontramos o bar (sem a presença de cadeiras ou bancos, apenas um balcão) e o palco possui as paredes pretas e a mesa de som encontra-se ao lado do palco, o que torna bem difícil a regulagem do som, pois é preciso que o técnico vá ao centro verificar o som para corrigi-lo. O palco é baixo e em cima do bar existe um mezanino, o qual é cercado por uma corrente, local em que os integrantes das bandas deixam seu equipamento.

Neste dia quatro bandas iriam se apresentar: Profane Son (2016), banda paulista de Black Metal; Velho (2009), banda carioca de Black Metal; Superius (2005), banda juizforana de Blackened Death Metal e a banda mexicana Encarnalium Nosferatum (2000) e as apresentações seguiram nesta ordem. Nas apresentações das duas primeiras bandas o público ficou disperso e poucos aplaudiram ou fizeram algum gesto que indicasse entusiasmo, diferente da apresentação da banda juizforana Superius. Quando se trata de apresentação de bandas locais, o público Black Metal juizforano se comporta diferentemente do que se é esperado de um fã desse subgênero.

Enquanto os integrantes da banda regulavam o som, o vocalista fez um discurso dizendo que estão todos ali reunidos pelo caos, mas que um celular foi perdido e faz um apelo para quem encontrasse, devolvesse ao dono. E para isso encoraja os fãs a serem “muito melhor do que a sociedade acha que a gente é”, “porque aqui só tem gente evoluída, só tem gente que saca o que é ser evoluído”. “Então se você for um desses caras que achou a parada e tá escondendo, continue com a sua mediocridade”. Os fãs gritam dizendo “Isso aê”

apoiando o vocalista e em seguida todos os integrantes voltam a regular o som. Integrantes e amigos regulam mesa de som que liga os instrumentos às caixas de som e para isso baixista e guitarristas tocam seus respectivos instrumentos, apenas algumas notas assim como o vocalista que testa o microfone com o famoso “ei som”.



Pausa para a regulagem do som. O organizador Yuri D'Ávila ajuda a operar a mesa de som.

A primeira música a ser tocada se chama “Infernal Flame” e antes de seu início, o vocalista diz o nome da música já em tom gutural. Esta técnica vocal produz um som rouco e grave, produzido através do apoio diafragmático (técnica de respiração) e de distorções no som originado nas pregas vocais e laringe, que produz um som com uma agressividade característica. Poucas pessoas conseguem utilizar essa técnica sem danificar as cordas vocais. Durante a introdução da música, a qual se inicia com a guitarra e os pratos da bateria, o vocalista grita “Hey” diversas vezes seguidas acompanhando o prato, enquanto os fãs elevam um dos braços com a mão em formato de punho, elevando ora na altura da cabeça, ora acima dela, acompanhando o grito do vocalista e repetindo o “Hey”. O som é bem característico do Black/Death Metal e é possível sentir o peso das músicas, algo sombrio, e o

cenário do show ajuda nesta composição, ou seja, as paredes pretas da casa de show e as roupas pretas dos fãs e integrantes da banda. A escuridão do palco, apenas com algumas luzes vermelhas e azuis do globo que refletem sobre a banda. Os fãs balançam seus corpos e cabeça no ritmo da música. O peso está presente nas distorções das guitarras e a coordenação coletiva de músicos tocando os demais instrumentos de maneira rápida, ocasionando uma atmosfera de agressividade, ou seja, o peso no som está relacionado diretamente a velocidade. A ideia de “peso” parece ser uma das explicações pelas quais as pessoas começam a ouvir Metal. Trata-se de “ouvir com corpo” e assim “sentir no corpo o peso do som”. A distorção das guitarras, a rapidez ao tocar e o volume alto resultam na ideia de “peso”.

No fim da primeira música o vocalista agradece e os fãs gritam. Dentre os fãs, os gritos que mais se destacam são os gritos agudos das mulheres. Antes da segunda música, acontece outra regulagem de som e troca de cabos na guitarra. Neste momento o público conversa. A segunda música se chama “Dispair's Valley” e a mesma tem momentos velozes com batidas mais rápidas na caixa e nos tons da bateria e também momentos mais marcados no prato deixando a música lenta. A música mesmo em seu momento veloz ou lento não perde seu peso. E mais uma vez no fim da música, o vocalista agradece enquanto os fãs gritam. A banda perde muito tempo de sua apresentação regulando o som, mas o público não reclama, pois todos sabem da dificuldade da aparelhagem das casas noturnas para esse tipo de som e evento. A terceira música se chama “Third War” e seu ritmo se mantém veloz na música inteira, o que permitiu a prática do mosh no show. Ao fim da música, o público grita repetidas vezes o nome da banda.

Ao pensar na minha trajetória no Metal e em conversa com alguns amigos da cena, relembramos alguns shows tanto os que presenciamos quanto aos shows assistidos pelo YouTube e DVD constatamos que o mosh raramente é observado no Metal Extremo. No entanto, em Juiz de Fora é possível encontrar a prática do mosh em shows de bandas pertencentes aos demais subgêneros, como o no Punk, Hardcore, Thrash Metal dentre outros, tanto em casas de shows que oferecem espaço para estas bandas como também no Festival de Bandas Novas como já mencionado. O Metal Extremo ao ser formado pelos subgêneros Thrash Metal, Black Metal e Death Metal, apenas no Thrash Metal encontramos a prática do mosh, quase que exclusivamente. O mosh não é assunto que os headbangers do Metal Extremo conversam com frequência, mas parecem indicar, quando acontecem, uma

relação mais próxima entre fãs e bandas. Na etnografia sobre o show da banda sergipana Scarlet Peace (1996), Hugo Ribeiro (2010) descreve o comportamento do público fã de Doom Metal:

Assim como em um show de Heavy, o público de Doom também gosta muito de “bater cabeça”, fazer o “air guitar” e o “air drum”. O símbolo do Metal também é usado pelo público para aprovação mútua e da banda. Todavia, como é possível ver nos vídeos dos shows da Scarlet Peace, praticamente não há mosh nem pogo. Isso pode ser explicado, parcialmente, pelas músicas em andamento lento e poucas partes rápidas. Esse é um diferencial interessante, pois observei que são nos shows de Doom que o público mais presta atenção às músicas, parados, sem muito movimento corporal. Mas isso não significa que o público não esteja gostando das músicas ou curtindo o show. (Ribeiro:2010:143)

O Black Metal juizforano se assemelha ao Doom quanto ao comportamento dos fãs nos shows, no entanto em Juiz de Fora, o laço entre público e banda são estreitos, isto é, a amizade entre os headbangers juizforanos e os integrantes das bandas desdobra-se também nos shows. Esses amigos frequentam os shows dando suporte e apoio a banda de amigos e além de sua presença demonstram entusiasmo nas apresentações da banda através de gritos e da prática do mosh, mesmo quando este comportamento não é esperado dentro do Metal Extremo, como uma maneira de preservar a memória do Metal Extremo na cidade. O momento do mosh com maior número de participantes com maior excitação foi na música “Superius” de mesmo nome da banda e a mais antiga das músicas.

No Metal cada sujeito traz suas preferências dentro dos subgêneros, ou seja, são os componentes estéticos e sonoros que influenciam cada fã, diretamente relacionados no nível de intensidade em que a música é executada, na estética, ideologia e na maneira de se comportar de cada subgênero que compõe o Metal. Participar da prática do mosh ou não neste show especificamente fogia do comportamento esperado para um público Black Metal, exclusivamente pela ligação com a banda e seus integrantes.

Em relação ao público, o mesmo era composto aqui sem muita discrepância quanto ao número de homens e mulheres, apesar do número de homens ser frequentemente superior nos shows em geral. A idade do público masculino variava em homens e mulheres de até os 40 anos, enquanto que o público feminino até os 30 anos, no entanto não é possível saber

exatamente se havia a presença de pessoas menores de 18 anos, uma vez que na porta de entrada do estabelecimento não era exigido nenhum documento. Todos estavam usando roupas na cor preta, calças jeans na cor preta ou tom de azul-escuro, camisetas pretas com ou sem estampas de álbuns e logotipos de bandas e alguns poucos estavam vestindo coletes de Clubes de Motoqueiros²⁰, contendo o nome e o brasão bordado nas costas. Presença de alguns homens de cabelos compridos e barba. As mulheres além da calça no mesmo tom e as camisas de bandas, também usam saias de couro preto e unhas pintadas com esmalte na cor preta. Poucas mulheres usam espartilho, cinto com detalhes em metal. Homens e mulheres fazem uso de botas e coturnos pretos, ambos tatuados e com braceletes de couro com pinos de metal, colares com pingente em formato de pentagrama e símbolo da cultura nórdica, como o martelo de Thor.

Muitos dos frequentadores que foram prestigiar a banda possuem ligação diretamente com o Metal, seja como integrante de banda, mesmo que sua banda não faça shows, fãs que estão aprendendo a tocar instrumentos, mas que não possuem banda, assim como os amigos destes e amigos dos integrantes da banda Superius.

Apenas um pequeno número de homens participou da prática do mosh e exatamente em frente ao palco, o qual possuía cinco metros de altura. O pouco espaço entre eles limitava os movimentos dos participantes que se concentravam na frente do palco e com isso os movimentos não conseguiam acompanhar a rapidez do ritmo da música, ou seja, as ombradas e os socos no ar não seguiam o ritmo veloz da música. A casa se encontrava vazia, mas as pessoas se acomodaram muito próximas umas das outras, nem tão próximo ao palco e nem tão perto do bar, localizado ao fundo da mesma dependência. Muitos dos frequentadores do show que estavam localizados próximos ao palco filmavam a banda através do celular e os mais distantes se debruçavam no balcão do bar enquanto assistiam ao show. Estes permaneciam em pé, de costas para o bar, ou seja, de frente para o palco.

20 Em Juiz de Fora existem 42 Motoclubes.



Assim que a banda toca o primeiro acorde da quarta música, os fãs reconhecem a música e gritam “Fudeu”. E logo depois o vocalista diz o nome em tom gutural, se trata da música “Dominor Pactum”. Antes da quinta e última música serem tocadas, o vocalista em tom gutural, diz que ela tem doze anos e possui o mesmo nome da banda, “Superius” e mais uma vez os fãs cantam o refrão com o vocalista e no fim gritam o nome da banda repetidas vezes. E dessa vez, o guitarrista faz o agradecimento à presença de todos. Após a apresentação da banda, ainda tocaria por último a banda mexicana Encarnalium Nosferatum (2000), no entanto, a maior parte do público foi embora. No evento do show criado no Facebook informava que o fim do evento seria às 6 h, e o show da Superius teve duração aproximadamente de uma hora com seu fim às 2 h.

Para registrar o show utilizei uma câmera semiprofissional P500 da Nikon a fim de rever o arquivo do show completo repetidas vezes. A dificuldade estava em identificar as músicas, já que o vocal gutural na gravação não ficava muito nítido. Foi preciso ouvir

algumas músicas repetidas vezes para identificá-las mesmo com as letras em mãos, ou seja, mesmo conhecendo o estilo de vocal gutural e conseguindo entender as letras, a gravação da música acompanhado dos problemas de aparelhagem conforme descrito acima e com a emoção do público em forma de gritos dificultou minha percepção da letra.

3. SUPERIUS

A banda Superius enquadra seu som ao gênero Dark/Death Metal e atualmente sua formação conta com cinco membros, dentre eles: João Felipe na guitarra; Caio Picoli no baixo; Caio Márcio na guitarra; Marcelo Eboli na bateria e Marcelo Bastos no vocal. A banda Superius teve seu início em 2005 e tocou no Festival de Bandas Novas, evento já mencionado anteriormente, em apenas em dois shows em 2014, no 2º e 3º show e é possível assistir vídeos de apresentações em vários festivais de Juiz de Fora, desde 2008, o qual conta com 461 visualizações. Na descrição da banda em seu perfil do Facebook encontramos a frase: "Nós somos os hereges que profanam a salvação! Nós somos a revolta que blasfêmia a criação!".

Como vimos anteriormente, o Black Metal utiliza termos e símbolos anticristãos nas letras de suas músicas e nos discursos que ocorrem nos intervalos dessas músicas nos shows. Na frase do parágrafo anterior o termo herege é empregado no sentido de adotar e praticar a doutrina contrária estabelecida pela igreja como norma, mandamento. O herege defende e apoia ideias e opiniões contrárias à igreja. Talvez o sujeito não esteja relacionado apenas à banda como herege e sim todos os fãs de Black Metal, já que se subentende que um fã de Black Metal é anticristão assim como vimos anteriormente. Sendo assim, a primeira frase significa que os fãs de Black Metal possuem ideologias anticristãs que violam a salvação, ou seja, o seu rancor pelos cristãos é tão forte que o fã de Black Metal que desrespeita a ideia de ser “salvo”, pois é uma questão de não acreditar nesta “salvação”.

A revolta que compõe a segunda frase se trata justamente da oposição ao Cristianismo como uma luta em renegá-lo até mesmo diante da criação do mundo que aos olhos do Cristianismo consiste na ideia de que Deus criou o universo e os seres vivos que o

habitam de maneira celestial. Ambas as frases seguem a ideologia do Black Metal ao se manifestar contra as ideias e opiniões impostas pela igreja, visto que a hostilidade não está presente apenas nas letras de Black Metal, mas na própria origem do subgênero quando igrejas da Noruega foram incendiadas. Não aconteceram ataques diretos à igreja no show, a repulsa se manteve apenas nas letras das músicas. Poucas vezes o vocalista interagiu com o público, no início da apresentação quando em tom gutural pedia para que o público se aproximasse do palco, visto que no intervalo das músicas estava regulando o microfone, assim como os demais integrantes regulando seus respectivos instrumentos. A capa do perfil da banda no Facebook é a foto de uma igreja sendo queimada. Existem referências sobre a história e os acontecimentos que envolvem o surgimento de Black Metal nas letras e nas figuras escolhidas pela banda em seu perfil do Facebook. Desta maneira a “blasfêmia” está relacionada ao ato de estar no show e acreditar no que o Black Metal propaga, isto é, conhecer e entender seus símbolos, som, história e contexto.



Foto de capa no perfil do Facebook em referência a queima de igrejas na Noruega.

Entre os fãs de Metal Extremo é comum saudar outro fã dizendo "Hail!" e é possível verificar isso nos comentários dos fãs da banda em seu perfil. Encontramos informações de contato como sua conta no myspace²¹. Em sua página do Facebook são disponibilizadas as

21 <http://www.myspace.com/superius>

letras das músicas com o intuito dos fãs conhecerem as letras e assim cantar junto à banda nos shows. Foram encontradas as letras das músicas “Dominor Pactum”, “Infernal Flame”, “Despair's Valley”, “Flesh Sanctuary” e “Third War”, essa última composta antes do hiato de produção e show da banda.

Superius foi formada em 2005 e possui 7 ex-membros durante seus 13 anos de existência. Possui dois álbuns: Shadow's Way de lançamento em 16 de outubro de 2006 através de produção independente com as músicas “Shadow's Way” (08:23), “Infernal Flame” (06:37) e “Superius” (07:35) e Shadow's Way II de lançamento em 21 de abril de 2008 através da Nocturnal Age Records, com as músicas “Shadow's Way” (08:16), “Dispair's Valley” (05:48) e “Lost Temple” (07:21). No início, a banda fazia o uso de teclado, depois retiraram o teclado e a maior parte do público viu a retirada do teclado uma melhora do som da banda frequentando mais aos shows, então permaneceram sem teclado. Sobre as trocas de integrantes, em 2011/2012 foi preciso trocar o vocalista já que este mudou de cidade, o segundo vocalista ficou mais tempo. Bruno Lawall é o vocalista original da banda e durante um período curto de ausência na banda, Marcelo Bastos assumiu o vocal, e em seguida Bruno retorna à banda. Assim como ocorreram trocas de vocalistas, diferentes bateristas e guitarristas também já fizeram parte da banda. Atualmente a banda deu uma pausa quanto à criação de novas músicas e gravação de novos álbuns, assim como não existem mais ensaios, apenas se reúnem esporadicamente para alguns shows. Conversei sobre isso com um fã e o mesmo confirmou a informação durante o show. Com essa parada momentânea da banda, não havia frequentado seus shows, porém conhecia sua fama entre meus amigos que frequentam a cena Black Metal de Juiz de Fora, os quais sempre elogiaram os músicos e as alterações que a banda realizou.

A letra abaixo e sua tradução foram encontradas em uma postagem da banda em seu perfil do Facebook seguida da seguinte foto:



Dominor Pactum

Dominor Pactum

For two thousand years

Por dois mil anos

We were slaves of sin

Nós fomos escravos do pecado

During vast centuries

Durante vastos séculos

Waiting in Vain

Esperando em vão

For a Glorious Day

Para um dia glorioso

Of the Christians Death

Da morte dos cristãos

Those who makes us suffer

Aqueles que nos fazem sofrer

with Their Ignorance

com sua ignorância

We will scourge your images

Vamos flagelar suas imagens

With disgusting blasphemies

Com blasfêmias nojentas

And your divine scriptures	E suas escrituras divinas
Will be burned by unholy fire	Será queimado por fogo impuro
Fuck off the god of creation	Foda-se o deus da criação
Rape all the bastard ones	Violam todos os bastardos
Behold the age of Chaos	Veja a era do Caos
The Rise ov the renegades	A ascensão dos renegados
For two thousand years	Por dois mil anos
We were slaves of sin	Nós fomos escravos do pecado
During vast centuries	Durante vastos séculos
Waiting in Vain	Esperando em vão
For a Glorious Day	Para um dia glorioso
Of the Christians Death	Da morte dos cristãos
Those who makes us suffer	Aqueles que nos fazem sofrer
with their Ignorance	com sua ignorância
Its the fall of hypocrisy	É a queda da hipocrisia
Dominor	Dominor
Its The dawn of the Heresy	É o alvorecer da heresia
Pactum	Pactum
Dominor Pactum	Dominor Pactum

Dominor Pactum

Dominor Pactum

Dominor Pactum

Dominor Pactum

Dominor Pactum

Dominor Pactum

A letra acima retrata o conflito do Black Metal com o Cristianismo. “Dominor Pactum” significa “minha regra” em latim e no sentido empregado na letra está relacionado ao contexto religioso, ou seja, seguir suas próprias regras e não as regras e tradições impostas pela igreja. É importante destacar o quanto a noção de tempo é empregada na letra em “For two thousand years” (Por dois mil anos) e “During vast centuries” (Durante vastos séculos), tempo esse, que segundo os fãs de Black Metal, em que o Cristianismo impõe suas regras determinando o que é ou não pecado, tornando os indivíduos escravos. E como forma de revolta, eles os ameaçam com a morte de cristãos, flagelação de imagens, queima de escrituras, assim como ofendem Deus. A figura que segue a postagem da música se refere a uma representação do demônio Zozo, um dos outros nomes do Pazuzu.



Capas dos álbuns da banda Superius - Shadow's Way (2006) e Shadow's Way II (2008)

Em relação às capas dos álbuns da banda Superius, estas seguem a estética de capa de álbuns do subgênero Black Metal. Cardoso Filho (2005) em seu artigo “Demônios, guerreiros e pentagramas: os grupamentos juvenis a partir das capas de álbuns de Heavy Metal”, o autor

analisa capas de álbuns de diversas bandas levando em consideração seus símbolos, disposição de elementos e cenário:

(...) identifica-se que a espada funciona como um signo vinculado ao Heavy Metal, uma obra inserida numa determinada tradição musical que valoriza as figuras dos guerreiros mitológicos e da idade média. A paisagem montanhosa, embora não esteja vinculada exclusivamente ao universo do Heavy Metal, possui a mesma função. (CARDOSO FILHO, 2005, p.50)

As capas de álbuns de bandas de Black Metal frequentemente utilizam imagens de cenários montanhosos, escuros e frios, semelhantes ao clima da Noruega. A banda Superius apesar de brasileira com clima o tropical de altitude pertencente ao estado de Minas Gerais, mantém as capas de seus álbuns na estética Black Metal norueguesa. Cardoso Filho (2005) destaca a importância do padrão das capas para o reconhecimento do subgênero pelo fã.

A própria capa ou crítica de um determinado álbum, por exemplo, já oferece pistas sobre o tipo de público para o qual se destina, sendo este identificado através das convenções de gênero e dos padrões valorativos do grupamento de ouvintes. Ao examinar um desses produtos, o headbanger é capaz de fazer uma série de inferências sobre uma banda, seu estilo e sua sonoridade, sem sequer precisar ouvir uma música. Os signos utilizados na construção desses produtos – como os crânios, zumbis, espadas e guerreiros medievais(...) (CARDOSO FILHO, 2005, p.46)

O álbum “Where Shadows Forever Reign” (2016) da banda Black Metal sueca Dark Funeral (1993) demonstra esses cenários montanhosos, clima frio e elementos sombrios como de figura de capuz.



O Black Metal segue uma estética que exige um vasto conhecimento sobre a história do subgênero assim como o contexto de seu surgimento. O fã de Black Metal não está envolvido diretamente apenas ao som, e sim em todos os elementos e símbolos que dela derivam. Em Juiz de Fora, ao participar da cena Black Metal e frequentar eventos de bandas de outros subgêneros do Metal, percebo que muitos fãs de Black Metal frequentam apenas eventos de bandas de Black Metal e como vimos anteriormente nos estudos de Campoy (2008) em Brasília, as bandas de Black Metal estão voltadas para o underground e por este motivo os shows são escassos. Em Juiz de Fora apenas dois ou três eventos de Black Metal são realizados durante o ano.

Raramente um show underground se resume a apresentação de uma só banda. A regra é uma composição de várias bandas provindas das imediações e em alguns casos, vindas de mais longe. Como as bandas não recebem cachê e, por outro lado, o organizador não lucra muito com esses shows, arma-se um conjunto de retribuições entre ambas as partes. (...) Retribuições como essas não acontecem apenas nas relações da banda com o organizador. Entre as bandas, há o costume de trocar gravações e se convidarem para tocar em shows nas suas respectivas cidades. Podemos encontrar essas prestações e contra-prestações até mesmo entre a banda e o grupo de amigos que os acompanha. A divisão dos custos de deslocamento entre todos é retribuída pela banda por entrada livre no show, algumas bebidas de graça e talvez o melhor, o agradecimento pelo “apoio” feito no palco. (Campoy: 2008:54-55).

Os organizadores coordenam em média três eventos durante o ano, e entre estas datas se concentram nas gravações de demos com o selo da Nocturnal Age Records. A organização desses eventos despende tempo, pois é preciso entrar em contato com cada banda e como vimos na etnografia do show, apenas uma banda era de Juiz de Fora. Para a realização são convidadas várias bandas e além do fato de conseguir tocar em outras cidades, essas bandas distribuem seu CD a preços baixos e tem reconhecimento da cena e assim como na citação de Campoy (2008) em Juiz de Fora as bandas também não recebem cachê, apenas uma ajuda para o deslocamento de uma cidade para outra para a apresentação do show.

Em Juiz de Fora existe um aspecto mais “local” na relação com o público Black Metal juizforano, fato esse demonstrado na decisão do público de ir embora após assistir a apresentação da banda Superius, mesmo quando ainda havia a apresentação da banda mexicana Encarnalium Nosferatum. Ambas as bandas possuem elementos do Black Metal em relação ao som e letras, no entanto devido ao movimento underground ter sua distribuição de gravações nos shows, poucos conheciam a banda mexicana. O compromisso com a banda mexicana demonstra-se falho em relação a esta troca.

A decisão de o público ter ido embora após a apresentação da banda local não tem relação em termos quantitativos de peso, pois não se trata de banda que toca mais pesado ou mais leve e sim relacionado à capacidade de representar bem gêneros mais ligados ao underground, e por isso a dicotomia “True” e “Poser” é tão presente. Se levarmos em conta o peso, a banda Encarnalium Nosferatum possui um som mais pesado em relação à banda Superius e tecnicamente o público deveria permanecer no show.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um mapeamento dos subgêneros e do que marca o Metal Extremo em um recorte do Black Metal, analisamos os elementos importantes de sua estética articulada a sua história de origem. No que tange à questão dos subgêneros, são incontáveis e as possíveis combinações entre eles originam novos, e ao verificar que uma mesma banda tem influência de vários subgêneros, assim como a banda de Death Metal/Black Metal Belphegor, demonstra que essas categorias auxiliam no entendimento quanto ao que esperar do som de uma banda e também em relação ao conhecimento de novas bandas ao pesquisar determinado subgênero, como uma forma de agrupá-las. Essa classificação tem o objetivo de auxiliar na busca por bandas do mesmo subgênero, facilitando o conhecimento de novas bandas.

Ao relatar o surgimento das três gerações do Black Metal e seus acontecimentos históricos, dentre estes assassinatos, suicídios, sequestro, tortura e queima de igrejas, vimos que estes atos de integrantes de bandas clássicas da cena são lembrados e homenageados, assim como a imagem de uma igreja pegando fogo na foto de capa do perfil da banda Superius na rede social Facebook.

Com as análises dos cartazes, capas de álbuns, letras, logos das bandas, o Corpse Paint, os símbolos do Ocultismo/Paganismo/Satanismo e o uso e maneira de executar os instrumentos foi possível constatar a uniformidade do Black Metal, a partir da estética presente nas bandas desde a origem do subgênero na Noruega e na presença destes mesmos elementos na cena Black Metal em Juiz de Fora. As etnografias realizadas no Brasil demonstram esses valores estéticos visuais e sonoros, presentes na Noruega, no Brasil e também na banda juizforana Superius. Mas ainda há muito que aprofundar na abordagem das sensibilidades implicadas aí (na escuta, no visual de morte ou satânico) e na análise de articulações entre esses valores estéticos e outras dimensões da vida social.

Constatou-se que os elementos que permeiam o Black Metal estão relacionados a uma estética que exige um virtuosismo por parte do público, sendo ele fã e/ou integrante de banda. A estética encontrada nos elementos descritos acima e o virtuosismo em relação a estes elementos, no seu conhecimento, reconhecimento e reprodução. Um virtuosismo voltado para o conhecimento através da compreensão da história do subgênero e seus acontecimentos. O reconhecimento do som a ponto de conseguir classificar bandas em subgêneros através do tipo

de vocal e uso de instrumentos e a maneira de executá-los, ou seja, um virtuosismo na escuta, o qual é adquirido através do caminho trilhado pelo gosto musical, assim como em minha trajetória no Metal. E por último o virtuosismo na reprodução do som pelas bandas descritas por Azevedo (2007).

Nesta pesquisa observamos que esse virtuosismo do Black Metal está diretamente relacionado ao underground, o qual é considerado como o verdadeiro em oposição ao mainstream visto como “o vendido”, ambos descritos por Campoy (2008), sendo o “true” o indivíduo que tem comprometimento com o Black Metal, seja ele fã e/ou músico. Ainda sobre o underground, o mesmo viabiliza a divulgação de material através de demos e/ou CDs e dando oportunidade de bandas se apresentarem em eventos de outras cidades, criando um espaço de compartilhamento. Nos eventos, o pagamento dos ingressos por parte dos fãs se destina ao aluguel do espaço para a realização das apresentações nas casas de shows.

A partir da etnografia do show da banda Superius foi possível verificar que a relação fã/músico extrapola a relação esperada no Black Metal, uma vez que o público ao apoiar a cena Black Metal juizforana, além de frequentar eventos, prestigiar amigos integrantes de bandas, também se comportam de maneira não esperada em um show deste subgênero. O público ao dar início à prática do mosh, a qual raramente ocorre nesses eventos e também ao ir embora logo após a apresentação da banda Superius e não assistindo a apresentação da banda mexicana Encarnalium Nosferatum.

Por fim, ressalto aqui que o objetivo dessa dissertação é trazer um conjunto de elementos presentes no Black Metal demonstrando o quanto esse grupo é homogêneo em uma perspectiva mundial, ou seja, o Black Metal norueguês tomou grandes proporções que até mesmo no Brasil com seu clima tropical adotou capas de álbuns que apresentam um clima frio de montanhas. O Metal Extremo tem seu destaque nesta pesquisa por apresentar laços mais estreitos entre fã e músico devido ao underground e conseqüentemente ao aspecto mais “local”, ou seja, a escuta do Black Metal a partir de um aspecto global para um local. Em linhas gerais, busco na etnografia propor uma análise de todos os elementos considerados essenciais para uma banda de Black Metal: o peso do som através da escolha e maneira de executar os instrumentos e o vocal, as capas de álbum, temática das letras, cartaz de eventos assim como o perfil da banda nas redes sociais por apresentar uma ferramenta

que apresenta informações sobre a banda como agenda de shows, vídeos de shows dentre outros.

É imprescindível observar as relações sociais travadas no Black Metal, pois é através da união em apoio ao underground através da divulgação, troca de materiais, organização de eventos com bandas convidadas que não cobram cachê e também a frequência assídua do público nos eventos que faz desse grupo, um grupo homogêneo. Um processo comunicativo que não atua somente em um compartilhamento de gosto musical por meio do som, mas também a toda a ideologia que envolve o Black Metal através da troca de conhecimento em relação à história e origem do subgênero, valores, simbologia e oposição ao Cristianismo. Em síntese: a abordagem dos elementos característicos do Black Metal como material para a pesquisa demonstra a importância de manter o grupo coeso que adota as mesmas práticas. A cena Black Metal juizforana atua na disposição de práticas de escuta que compreendem experiências estéticas.

Espero de todo modo, que esta dissertação venha a contribuir em alguns pontos para a compreensão do subgênero e também estimule novas questões e curiosidades sobre o tema pesquisado. A minha trajetória no Metal e a Antropologia permitiram um estudo prazeroso não menos disciplinado, mas que considero de grande aprendizado o exercício de até que ponto minhas experiências e conhecimento sobre o tema podem auxiliar na pesquisa e na compreensão deste grupo de headbangers juizforanos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Saudação nazista de Phil Anselmo deixa o clima pesado na cena metal: Polêmica com ex-vocalista do Pantera reacende discussão sobre tolerância a manifestações racistas. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/saudacao-nazista-de-phil-anselmo-deixa-clima-pesado-na-cena-metal-18629060#ixzz5InKyy1ef>. Acesso em: 18 jun 2018.

AZEVEDO, Cláudia. **Subgêneros de metal no Rio de Janeiro a partir da década de 80.** Caderno de Colóquios 2004-2005. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2004. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/view/103> Acesso em: 21 maio 2017.

_____. **Fronteiras do metal.** In. XVII Congresso ANPPOM, 2007, São Paulo. Anais XVII Congresso ANPPOM, São Paulo, 2007.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas Na Cidade: O Underground Do Metal Extremo No Brasil.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. 2008.

CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. **Demônios, guerreiros e pentagramas: os grupamentos juvenis a partir das capas de álbuns de Heavy Metal.** Diálogos possíveis. Ano 4, n.2 (agos./dez. 2005).

CHRISTE, Ian. **Heavy metal: A história completa.** São Paulo: Ed. ARX/ Saraiva, 2010.

DAMATTA, Roberto. **O Ofício do Etnólogo ou como ter anthropological blues.** Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, 1978.

DHEIN, Gustavo. **A besta que se recusa a morrer: identidade, mídia, consumo e resistência na subcultura heavy metal.** Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. São Paulo, 2012.

ELME, Marcelo Matias. **As técnicas vocais no canto popular brasileiro: processos de aprendizagem informal e formalização do ensino.** 2015. 251 p. Dissertação (mestrado) -

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285312>>. Acesso em: 4 mai. 2018.

GOLDMAN, Marcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia.** Rev. Antropol., São Paulo, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012003000200012>.

JACQUES, Tatyana de Alencar. **Comunidade Rock e bandas independentes de Florianópolis: uma etnografia sobre sociabilidade e concepções musicais.** 2007. 142p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

JANOTTI JR, Jeder. **War for territory: cenas, gêneros musicais, experiência e uma canção heavy metal.** In XXI Encontro da Compós, Anais Eletrônicos. Juiz de Fora UFJF, 2012. Disponível em:< <http://www.compos.org.br/> > Acesso em 25 maio 2017.

JANOTTI JR, Jeder. **Rock With The Devil: notas sobre gêneros e cenas musicais a partir da performatização do feminino.** IN: In JANOTTI JÚNIOR, J.; SÁ, S. P. (Org.). Cenas Musicais. São Paulo: Anadarco, 2013.

Otterbeck, Jones et al. **“I am Satan!” black metal, Islam and blasphemy in Turkey and Saudi Arabia.** Contemporary Islam, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Luana/Downloads/I_am_Satan_black_metal_Islam_and_blasphemy_in_Turk.pdf Acesso 11 Maio 2018.

LOPES, Pedro Alvim Leite. **Heavy Metal No Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: A Música do Demônio Na Cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, 2006.

MEDEIROS, D. R.; PORTO, Isabel Porto. **Cartazes de festivais de rock de Pelotas (1990): Comunicabilidade, práticas socioculturais e iconografia que ecoam de documentos de uma cena underground local.** In: Pablo Sotuyo Blanco. (Org.). Estudos luso-brasileiros em iconografia musical. 704 ed. Salvador: Editora da UFBA, 2015, v., p. 227-263.

MOYNIHAM, Michael e SODERLIND, Didrik. **Lords of chaos : the bloody rise of the satanic metal underground.** Feral House,1997.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. **Da Fúria à Melancolia: a dinâmica das identidades na cena rock underground de Aracaju.** São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

SANTOS, Taís Vidal dos. **O True contra o Poser – um estudo das condições e contradições de ser e fazer Metal underground na cidade do Salvador.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar.** IN Oliveira, Edson. A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WILLIAM, Bruce. Loudwire: **10 instrumentos bizarros usados por bandas de rock e metal.** Whiplash. 26 Dez. 2016. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/curiosidades/235807.html> Acesso em 24 Maio 2017.

FILMOGRAFIA

Metal: A Headbanger Journey. Produção de Sam Dunn, Scot McFadyen e Jessica JoyWise. São Paulo: Warner Home Video / Europa Filmes, 2005. 1 DVD (96 min.): DVD, PAL-M, son, color. Legendado. Port.

Metal Evolution. Produção de Sam Dunn e ScotMcFadyen. São Paulo: Warner Home Video / Europa Filmes, 2011.1 DVD (47 min.): DVD, PAL-M, son, color. Legendado. Port.

Global Metal. Produção de Sam Dunn e ScotMcFadyen. Canadá: BangerProduction, 2008. 1 DVD (93 min.): DVD, NTSC, son, color. Legendado. Port.